

Neste número

- ❖ **O tamanho das gangues**
- ❖ **Casal e poder**
- ❖ **Pobreza dói**
- ❖ **Internet, usos e costumes**
- ❖ **Insignificâncias**
- ❖ **Nova comunicação para uma humanidade renovada**
- ❖ **Os anos perdidos do cristianismo**
- ❖ **Os EUA e o terror**
- ❖ **Domingo chocante**
- ❖ **Afinal, o que quer um casal?**
- ❖ **Tedologia da Libertação**
- ❖ **Desigualdade**
- ❖ **Gestão empresarial**
- ❖ **O destino por um fio**
- ❖ **Ética e política**
- ❖ **O trabalho infantil**
- ❖ **Alfabetização e Conscientização**
- ❖ **Solidão, ansiedade, vulnerabilidade — o normal e o patológico**
- ❖ **A vingança das galinhas**
- ❖ **A população é refém**
- ❖ **Questão de bom senso**
- ❖ **Metodologias participativas**
- ❖ **Dinâmicas participativas**
- ❖ **O poderoso fez grandes coisas**
- ❖ **Asilo? Não!**



61
fato
e razão

Conversando com o leitor

Graças ao apoio de seus fiéis leitores, a sua revista é agora uma trintona madura, trinta anos bem vividos...

A fé que remove montanhas faz o milagre acontecer há três décadas.

São raras as publicações de associações civis ou movimentos de leigos que tenham sobrevivido por tão longo tempo.

Mas o milagre só se repete e seguirá acontecendo na medida em que todos os membros do MFC continuarem apoiando o esforço permanente de difundir a sua revista.

Contamos com você, caro leitor.

Conquiste novos assinantes, dê assinaturas de presente de aniversário, mostre aos amigos que vale a pena receber e ler a revista - que teima em não desaparecer como tantas outras.

Envie também suas sugestões, críticas e comentários para os editores. Estarão ajudando a revista a ficar cada vez melhor.

Pela certeza do seu apoio, os editores lhe agradecem, amável leitor.

H. e S. A.

fato e razão

61

Movimento Familiar Cristão
www.mfc.org.br

Conselho Diretor Nacional
Mozart e Geralda (Didi) Carvalho
Luiz Martins dos Santos
José Américo e Maria Marlete Sá
Vando e Neuzemi Maria Oliveira
Francisco e Laura de Souza
Maria Sebastiana (Sebá) Leão

Editoria e Redação
Helio e Selma Amorim
R. Des. Saul Gusmão 80 - VIII
22641-280 Rio de Janeiro - RJ
E-mail: helioamorim@globo.com

Distribuidora Fato e Razão
Atendimento Assinaturas
Rua S. João, 25 - sobre-loja
24020-040 Niterói - RJ
Tel.: (21) 2621-5278
E-mail: fatorazao@primyl.com.br

Livraria do MFC
Pedidos de Publicações MFC
Rua Barão de Santa Helena, 68
36010-520 Juiz de Fora - MG
Tel. (32) 3214-2952
E-mail: livraria.mfc@veloxmail.com.br

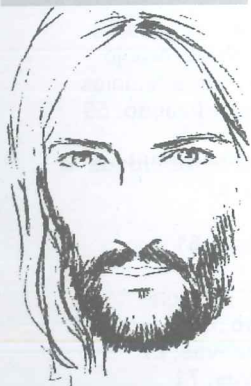
Fotolitos e impressão
Primyl Artes Gráficas
Rua S. João, 25 - slj
24020-040 Niterói - RJ
Tels. (21) 2722-3776 2621-5278 Fax
(21) 2722-3777

Capa
"O vendedor de amendoim" óleo
sobre tela, de Armando Amorim.

Sumário

Poema, 2 Beatriz Reis
O tamanho das gangues, 3 Editorial
Casal e poder, 7
Deonira L. Viganó La Rosa
Pobreza dói, 11 Helio e Selma Amorim
Internet, usos e costumes, 14
Rosely Sayão
Insignificâncias, 17
Cristovam Buarque
Nova comunicação para uma humanidade renovada, 21
Marcelo Barros
Os anos perdidos do cristianismo, 25
Leonardo Boff
Não fique tão sério, 28
Os EUA e o terro, 29 Jorge La Rosa
Domingo chocante, 32 Helio Amorim
Afinal, o que quer um casal? 35
Deonira L. Viganó La Rosa
Teologia da Libertação, 38
Entrevista com Pablo Richard
Desigualdade, 41
Plínio Arruda Sampaio
Gestão empresarial, 43 Max Gehringer
Foto, fato, razão, 46
O destino por um fio, 47 Jorge Leão
Ética e política, 50 Manfredo Araújo
O trabalho infantil, 52 Patrus Ananias
Alfabetização e Conscientização, 55
Frei Cristóvão Pereira
Solidão, ansiedade, vulnerabilidade o normal e o patológico, 57
Mário Quilici
A vingança das galinhas, 61
Leonardo Boff
População é refém, 63 Editorial
Questão de bom senso, 65
Metodologias participativas, 67
Dinâmicas participativas, 71
O poderoso fez grandes coisas, 76
Pedro Lima Vasconcellos e Rafael Rodrigues da Silva
Racismo, 78
Asilo? Não! 79

Data desta edição: junho 2006.



Poema
Beatriz Reis

*Ouvi gritos de alegria
a cidade estava em festa.
Era chegado o Rei,
com o mundo a seus pés.
Pensei em vir vê-lo,
mas estava ocupada,
descascando legumes...*

*Ouvi discussões, gritos de dor
a cidade gemia aflita.
Era o povo julgando o Rei.
Pensei em procurá-lo,
em lhe dizer meu amor.
permaneci lavando meu chão...*

*Percebi o silêncio pesado,
o sono da lua e das estrelas.
Haviam condenado o Rei,
por não ser o que esperavam.
Desejei morrer com ele,
gritar-lhe minha fé, meu amor.
Havia tanta roupa a passar...*

*Saiu o Rei do sepulcro
à primeira luz da manhã
cantavam os homens seu júbilo
sem romper o silêncio da vida
com o coração aos saltos,
ouvi o som de sua flauta,
mas o mundo, em desordem, me
esperava...*

Editorial



O tamanho das gangs

Quem vê o Rio pela TV deve sentir-se aterrorizado. Traficantes de drogas dominam as favelas e fazem a guerra para dominar territórios rendosos de outros bandos. Matam-se uns aos outros. Balas perdidas assassinam crianças e trabalhadores que não estão na guerra.

A mídia passa a idéia de haver milhares de traficantes em cada morro ou favela, formando um gigantesco exército super armado que mantém a cidade como refém. Essa é a idéia. Numa favela com 50 ou 100 mil habitantes dominados,

ameaçados, calados para sobreviver, imagina-se que o poder pertence a um bando do tamanho de um batalhão ou, no mínimo, um regimento de infantaria.

O episódio mais recente aponta para algo mais modesto e, portanto, mais vulnerável a uma ação policial mais decidida. Não que se acredite em solução meramente policial. É preciso remover as causas da opção pela vida bandida dos sem-saída, que aceitam reduzir para 22 anos a sua expectativa de vida. Mas vale a pena investigar e desconfiar do poderio das quadrilhas que têm deixado a polícia aparentemente rendida.

Vejamos: um bando de traficantes de outras plagas planeja tomar a

favela da Rocinha, a maior do país. Mandam espíões, reúnem-se, desenham mapas, marcam as posições de ataque, preparam as armas e partem para a guerra. Quantos combatentes? Quarenta. Partem com a quase certeza de vitória. Os marines de Bush também foram lançados com esse objetivo: ganhar a guerra. Como? Com folgada superioridade de homens e armas. Os seus colegas da operação Rocinha também sabem que só assim terão chances. Precisam ter certeza de sua superioridade. Essa certeza se baseia no poderio de 40 combatentes. Conhecem bem o inimigo. Bastam 40.

Nós, leigos no assunto, deduzimos que o exército de lá é desse mesmo tamanho. No máximo. Um simples pelotão de poucas dezenas de homens, ainda que bem armados, não sairia da toca para enfrentar um batalhão. Ou seja, as favelas são habitadas por dezenas de milhares de pacatos trabalhadores, mulheres e crianças, dominadas por algumas dezenas de bandidos que os batalhões da polícia não conseguem desarmar e hospedar em lugares seguros com grades nas janelas.

Outro indicador para confirmar essa ilação de leigos foi revelada em reportagem muito interessante.

Em cerca de 80 favelas (ou mais) não há traficantes ou assaltantes. Nelas, os comerciantes locais compram essa segurança pagando a chamada "polícia mineira", ou simplesmente, "a mineira". São grupos de ex-policiais, muitos deles aposentados e outros expulsos da corporação, que decretam: "Neste lugar não entra bandido vivo". Sabendo que não é bravata mas pura realidade, os bandidos não se arriscam. A favela fica "limpa".

Para os moradores, é uma substituição de autoridade. Saem os da droga, entra a mineira. Poucos homens armados são suficientes para isso. Mas tornam-se um poder tão ameaçador como o outro, impondo leis e comportamentos, obrigando os moradores a pagar a segurança, castigando quem sai da linha.

Temos conversado com moradores de favelas dominadas tanto pelo tráfico como pela mineira. Geralmente preferem a mineira, na falta de autoridade pública confiável. Não confiam na polícia. Muitos policiais praticam extorsão de bandidos ou vendem proteção para engordar seus baixos salários. Nas batidas policiais, são brutos, prepotentes, arrombam portas, desrespeitam os pobres e atiram sem rumo. Nunca se apura o autor dos disparos

mortais. Bandidos ou policiais? O povo local não gosta de uns e outros.

Esse parece ser o cenário. Quase um milhão de cidadãos pobres e trabalhadores vivem no Rio em condições de riscos múltiplos: o dos deslizamentos das encostas ocupadas pelo desespero do teto, e o das balas assassinas, com limitações aos seus direitos, sujeitos às leis do comando local, distantes das leis da cidadania.

Essa mistura de medo e humilhação, de desamparo e desalento, soma-se ao desconforto da pobreza e à falta de condições dignas de moradia, higiene e saúde. Falta cidade na favela. Faltam lá os serviços públicos assegurados à população da cidade formal.

O promissor programa de urbanização de favelas perdeu o ímpeto dos primeiros anos, quando já avançava na reversão desse quadro dramático. Favelas urbanizadas se transformam em bairros populares modestos mas dotados de infra-estrutura suficiente para mudar a vida dos que lá vivem. O saneamento básico, com coleta de lixo, água e esgotos em todas as casas, reduz em seis meses o movimento dos postos de saúde das redondezas. As ruas mudam aquela geografia de



e balas perdidas.

labirinto, ao gosto dos bandidos: a polícia trafega motorizada, não mais se arrasta a pé em becos e escadas íngremes. Fica mais difícil para o bandido esconder-se. Já se suspeita que o inimigo não é batalhão mas pelotão. Há chance de vitória. A presença do poder público na comunidade, em postos de serviços, creches e escolas, encoraja a reação da população contra a humilhação imposta por armas em mãos bandidas.

A favela urbanizada deixa de ser um problema para tornar-se uma solução. A solução possível, descartada a remoção traumática para os famosos conjuntos habitacionais do passado,

caros e distantes do mercado de trabalho.

É hora de retomar com vigor renovado esse programa que se tornou mais conhecido no exterior do que dentro de nossas fronteiras.

A segurança que se busca em grades e alarmes inúteis nas casas da cidade formal passa pela transformação de favelas em bairros decentes, a que têm direito cidadãos que um modelo econômico injusto empurrou para as encostas e periferias da cidade.

Impunidade. *Jornalista emérito. Sexagenário. Brigou com a namorada. Jovem. Decide matá-la. Planeja. Arma-se. Prepara a emboscada. Escolhe o haras e horas para a espera certa. Ela não sabe. Chega como sempre. Amante de cavalos. Confronto cara a cara. Surpresa! Ameaça. Arma apontada. Fuga desesperada. Dois tiros pelas costas. Vítima no chão de sangue. Tiro de misericórdia a 35 centímetros da cabeça. Testemunhas assustadas. Socorro inútil. Arma no bolso. Volta ao carro. Frieza. Arranque, marcha engrenada, acelerador, volante girado para a fuga. Sem pressa. Serviço perfeito. Volta ao lar. Assassino confessa. Crime hediondo. Motivo torpe. Vítima indefesa. Tiros pelas costas. Confiança na justiça injusta. Advogados hábeis. Família vitimada emocionalmente destruída. Lesões psicológicas irreversíveis. Inquérito sobre o óbvio. 5 anos, 8 meses, 14 dias de espera. Inquérito sobre evidências. Evidências são evidências. Meia década de perguntas óbvias para respostas óbvias. Advogados ativos. Caros. Despesas visíveis e invisíveis. Principalmente invisíveis. Finalmente o tempo tardio. O dia chega. Tribunal de Júri. Julgamento. Batalha verbal. Promotor x Defesa. Três dias, 34 horas. Tensão. Multidão na rua. Na espera. Jurados reunidos. "Culpado". Goleada esperada. Sete a zero. Sentença esperada. 19 anos, 2 meses 12 dias. Desfecho-surpresa. Juiz decide: "Já para casa". Sem algemas. Sem escolta policial. Longe das grades. Carro esperando. Volta ao lar. Cabe recurso contra a goleada. Mais um ano de liberdade garantida. Suficiente para chegar na idade do privilégio. Septuagenário terá direito a redução da pena. Atestados médicos reclamarão prisão domiciliar. Mais confortável. Grades estão reservadas. Exclusivas para pobres. Furtaram pote de manteiga. Afanaram xampu em supermercado. Cadeia neles!*

Poucos são os estudos que tratam da questão do poder nas relações do casal.

Entretanto, está aí um assunto extremamente importante, ainda que complexo e de interpretação difícil.

Deonira L. Viganó La Rosa*

Casal e Poder

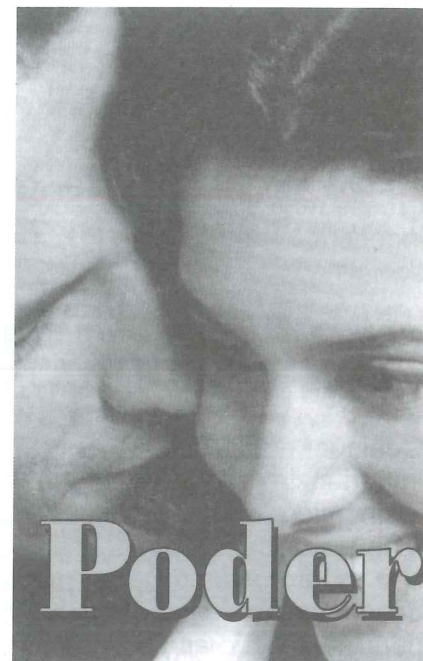
A sociedade condiciona as relações internas do casal

É comum ouvir-se: O casal reproduz a família, que por sua vez reproduz a sociedade. Entretanto, não podemos esquecer que a sociedade condiciona as relações internas do futuro casal, de tal maneira que este é levado, em maior ou menor grau, a confirmar a sociedade em sua organização e a conservá-la. Por exemplo, nos países onde se mantêm estruturas medievais, o grupo familiar continua sendo marcado pela autoridade patriarcal. Nas sociedades mais modernas, as relações de

autoridade tendem a uma igualdade de poder entre o homem e a mulher.

As mudanças técnicas e econômicas da sociedade, através das mudanças políticas e sociais que as acompanham,

As mudanças técnicas e econômicas da sociedade, através das mudanças políticas e sociais que as acompanham, desempenham importante papel na estruturação do poder entre os membros do casal. As mudanças culturais contribuem para modificar as relações, mesmo sobre aqueles que nem sequer leram sobre estas novidades.



O casal não pode subtrair-se das interações família-sociedade. Ninguém pode agir como se existisse uma Família que pudesse viver ou morrer, isoladamente, como se ela tivesse realidade por si só, com independência das estruturas sociais.

Relações de força e fatores afetivos

Qualquer que seja a importância dos fatores econômicos e sociais sobre o manuseio do poder pelo casal, são os *fatores afetivos* os que desempenham o papel principal. O que as pessoas buscam ao formar um casal não é uma estrutura da mesma ordem que as outras estruturas sociais, senão precisamente o inverso: buscam uma *estrutura-refúgio*, o lugar onde poderão viver seus desejos, suas necessidades e as diferentes tendências que não encontram satisfação nas outras instituições.

As pressões sociais, cada vez mais, obrigam os indivíduos a ocultar e controlar as suas necessidades de dependência, seus desejos de entrega, suas buscas nostálgicas dos prazeres da infância... e até mesmo seus inconscientes desejos de "possuir" o outro. É justamente na vida de casal e

de família que estes desejos tendem a reavivar-se.

Hoje, experimentamos um mal-estar existencial cada vez mais acentuado e uma visão da organização social contemporânea cada vez mais compulsiva. Quanto maior este mal estar, mais deve a *estrutura-refúgio* (casal) acolher e dar satisfação aos indivíduos e mais se exige do casal.

Importa aos casais descobrir as pressões a que estão submetidos, inclusive as mais ocultas que provêm da cultura e de uma verdadeira mitologia. Muitos descobrirão como a ideologia das suas famílias, submetida à das classes dominantes, os levou a valorizar a luta, a competitividade, o êxito material medido pelo dinheiro, o poder sobre os demais, a afirmação de si e a descuidar dos valores "humanos" e afetivos.

Às vezes é necessária a crise do casal para que ambos reconheçam e critiquem as pressões sócio-familiares às quais estão submissos e descubram novas bases humanas sobre as quais queiram reconstruir sua vida de casal.

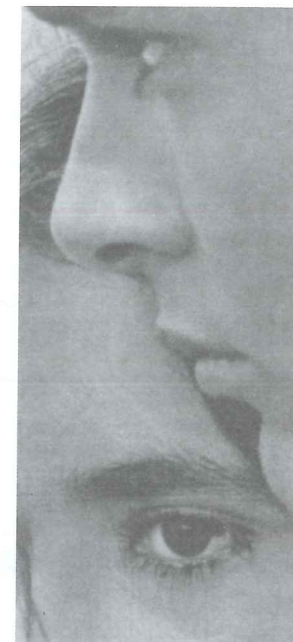
Relações de poder e dinheiro

Na vida de casal o fator econômico é tão importante que, hoje em dia, muitos vão morar juntos para gastar menos.

Como o casal organiza os processos de decisão? Como decide quanto gastar em tal ou qual aparato? Quem decide? Aquele que possui o dinheiro, ou bens, dispõe de um poder considerável. O simples fato de que a mulher aporte valor econômico modifica substancialmente as relações do casal. Muitos homens tranquilizam-se dizendo que o trabalho de sua mulher é um passatempo. Esta dificuldade para tolerar uma *igualdade de fato* ainda se mostra vigorosa em certos tipos das novas gerações.

O poder eficaz está oculto

Uma das comprovações mais importantes sobre as relações de poder consiste em que elas se encontram quase sempre ocultas, negadas ou invertidas. São excepcionais os casos em que o poder aparece declarado. Em geral, o membro dominante trata de ocultá-lo. Ao disfarçar o poder, procura não ferir a suscetibilidade de



seu cônjuge. Quer evitar toda revolta e proteger com eficácia seu poder real.

Esta é, sem dúvida, uma das leis mais constantes nas relações de casal. O mesmo acontece na sociedade, onde os que detêm o poder fazem questão de passar a imagem de pessoas democráticas e respeitadoras da vontade do povo.

A arte mais freqüente consiste em proclamar que não se tem o poder e que este pertence inteiramente ao(à) companheiro(a). Aparece a contradição entre o princípio e a prática: "Tu es livre, porém...". Subentende-se: "Deves agir como eu digo, do

contrário, não me amas". Note-se que o que aparece explícito é somente *Tu es livre*.

Fica, então, evidente que a relação de forças entre o casal

se apóia no jogo dos fatores *afetivos*, que contribuem para mascarar as relações de poder. Desocultar, eis a árdua tarefa!

**Terapeuta de Casal e de Família. Mestre em Psicologia. jlarosa@terra.com.br*

- ☐ *Dá para se perceber se estão presentes relações de poder nos casais que conhecemos? Ou são geralmente ocultadas?*
- ☐ *Como se manifestam relações de poder na vida do casal?*
- ☐ *Quando existe esse tipo de relação no casal, em que se apóia o poder de um sobre o outro?*
- ☐ *Consequências negativas são percebidas pelo casal?*
- ☐ *Como desocultar essa situação, para construir uma relação libertadora?*

LIVROS

Conheça os temários de reuniões do MFC - Movimento Familiar Cristão.

Pedidos à Livraria do MFC:
Rua Barão de Santa Helena, 68 CEP 36010-520 Juiz de Fora - MG
Tel. (32) 3214-2952 - E-mail: livraria.mfc@acessa.com



Helio e Selma Amorim*

As pessoas das classes médias com um mínimo de sensibilidade social se sentem incomodadas por seus privilégios ante o visual da pobreza que penetra por suas janelas de condomínios da cidade grande, erguidos à sombra dos morros favelados.

Os cristãos, de um modo mais direto, por falas e escritos, foram desafiados em determinado momento, a fazer uma opção pelos pobres. Sem entender muito bem o que seria essa opção, assumiram campanhas de agasalhos e cestas básicas, às vezes, sem querer, humilhando o pobre com um assistencialismo

desastrado e desrespeitoso. Responder àquele desafio supõe mais do que isso. Exige mudanças profundas de mentalidade e comportamento. É uma caminhada de muitos passos, um processo gradual que começa no ritmo de pernas atrofiadas pela acomodação mas crescerá até níveis elevados de agilidade de atletas que praticam esse exercício fascinante de reagir às indecentes desigualdades sociais, certos de que outro mundo é possível.

O primeiro passo é despertar uma real simpatia pelos pobres. Livrar-se de preconceitos ainda marcantes em nossa cultura. "São pobres porque não estudaram, não gostam de trabalhar, gastam o que ganham com a bebida"... e por aí se vai acalmando o

sentimento de culpa de classe. Conhecemos o tamanho dessa mentira. São pobres por terem nascido na pobreza, com todas as suas conseqüências irreversíveis, das quais só escapam alguns raros superdotados, capazes de dar a volta por cima por dons misteriosos da natureza. Essas excepcionalidades são às vezes tomadas como exemplo para justificar o desprezo pelos pobres. "Vejam esse que saiu da miséria com seu esforço". A exceção se toma como possibilidade real para todos. É mentira, naturalmente. Assim, crescer em simpatia pelo pobre é o primeiro passo.

O passo seguinte é buscar alguma convivência com o pobre mais pobre, no lugar em que vive, sentindo o cheiro da miséria e a estética da pobreza, em contato sensorial com o seu mundo, conversando, ouvindo, observando o que se passa ao redor. Esse é um passo decisivo para aprender a ver o mundo pela ótica do pobre. O que parecia um cenário normal nos espaços em que a classe média se move, surge como um mundo perverso, em que pessoas vivem em casas ou apartamentos de luxo, possuem mais do que necessitam, gastam e desperdiçam sem perceber o que falta na casa e na mesa do pobre. Este se limita a lutar pela sobrevivência biológica, em habitações de segurança e higiene precárias, reproduzindo

nos filhos e netos a sua situação miserável pela má alimentação, enfermidades não cuidadas, falta de escolas e oportunidades. Mirando o mundo pela ótica dos excluídos, o classe-média pode se converter, reconhecendo que não é justo esse enorme abismo que modelos econômicos cruéis construíram entre ricos e pobres.

O passo conseqüente é a opção por uma vida mais austera, menos agressiva ao pobre que tantas vezes é empurrado para o ódio de classe, revoltado pela injusta divisão da riqueza, confrontando a abundância ostensiva de uns com a miséria de tantos. A austeridade assim assumida, é uma postura libertadora. Os privilegiados são perseguidos por medos de perdas de status social pela instabilidade econômica que a cada momento transforma fortunas em falências. Optando por uma vida mais austera, o risco de despencar socialmente se reduz e a tranquilidade pode prevalecer. Por outro lado, a austeridade produz sobras financeiras que permitem dar um passo.

O passo adiante é o desafio da partilha. Quem tem muito é chamado a partilhar seus bens com quem não tem nada. Não é preciso chegar a opções heróicas dos santos. Mas que seja elevada a dose de generosidade nessa partilha.

Não se limitar a doar sobras que às vezes são restos inúteis ocupando espaços em armários e despensas. A partilha que se reclama inclui aquilo de que vamos sentir falta, algo de que se gosta mas não essencial para quem tem, necessário e urgente para quem não tem. Também se propõe a partilha do saber e do tempo. Ensinar o que se sabe a quem não sabe, dedicar tempo a quem dele precisa para seus cuidados. Visitar, conviver, não correr o risco de perder a capacidade de seguir vendo o mundo pela ótica do outro lado.

O passo final é mais comprometedor. É assumir a causa dos pobres. Nos confrontos de classes, tomar o partido do pobre, compreendendo as razões do seu inconformismo, o que o leva a invadir terras, a fazer greves, participar de invasões de sagradas propriedades dos ricos, a atos que a lei condena mas o desespero explica. Ter a coragem de assumir em seu meio social o lado mais fraco será considerado uma "traição de classe", talvez com algumas conseqüências desagradáveis. Este é o desafio.

- ❖ *A Igreja que somos todos nós, os cristãos fez uma solene opção pelos pobres, na América Latina. Porque Jesus também o fez: "O Evangelho é anunciado aos pobres". Quais os passos que já temos dado para confirmar a nossa opção?*
- ❖ *Onde reside a maior dificuldade nessa caminhada de muitos passos?*

"Ser pobre não é crime mas ajuda muito a chegar lá." (Millôr Fernandes)

Para o cristão, a resposta é impositiva. É expressão essencial de sua fé. Quem ensinou esse caminho não estava blefando. Tomou o partido dos pobres e pecadores, excluídos da sociedade do seu tempo. Denunciou os ricos no sermão da montanha. Terminou mal. Mas deu a partida para a transformação do mundo, contando com a cumplicidade dos que o seguissem para produzir sinais do Reino.



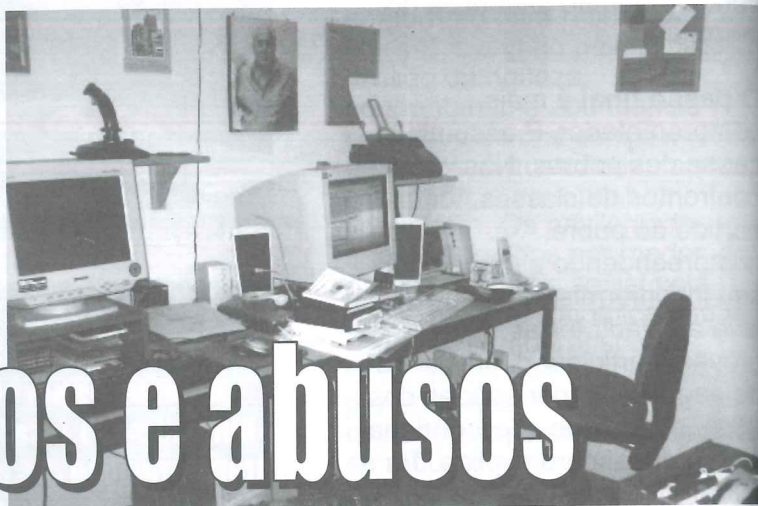
Os cristãos, cúmplices do Crucificado, somente serão justificados por obras de humanização, e na luta pela transformação das estruturas ainda injustas da sociedade. Pelas obras mostrarão a sua fé que sem elas é morta.
(Tg 2,14 ss).

*Editores de Fato e razão, do Movimento Familiar Cristão.

INTERNET

usos e abusos

Crianças e jovens são os usuários da internet que mais sabem lidar com essa tecnologia, mas não podem prescindir da ação educativa. Crianças já na fase final da infância e adolescentes estão sendo devorados pela sedutora internet. É um tal de falar com amigos, conhecidos e desconhecidos, entrar em salas de bate-papo e lá ficar por horas a fio, escrever e ler os blogs pessoais, fazer parte de comunidades virtuais para mostrar o tamanho de sua popularidade, passar horas em competições de habilidade em determinados jogos e assim por diante.



Rosely Sayão*

Se os pais deixarem, eles podem passar a maior parte do tempo nessa atividade.

Em época de férias, em que eles estão livres da maioria dos compromissos, é bom refletir a respeito dessa questão

Claro que usar a internet não é prejudicial, principalmente para essa geração que já nasceu num mundo conectado pelas redes virtuais - plugado, como eles costumam dizer. Crianças e jovens são os usuários de computadores e da internet que mais sabem lidar com essa tecnologia e que,

portanto, mais podem tirar proveito dela. Da mesma maneira que em qualquer outra esfera da vida deles, entretanto, não podem prescindir da ação educativa e da tutela dos pais no uso e no abuso que fazem desse recurso. Eles ainda não têm autonomia também para isso, mesmo que pareçam entender mais do que os pais sobre o assunto.

Uma das coisas que os pais precisam ensinar aos filhos a respeito desse tema -nunca é demais lembrar que ensinar não se restringe a passar uma informação e esperar que eles a coloquem em prática na vida- é que a internet constitui-se num espaço público.

São poucos os adultos que se dão conta de que, para crianças e jovens que começam a aprender que há uma fronteira entre o convívio social e a intimidade, que iniciam o aprendizado da diferenciação das atitudes adequadas ao espaço privado daquelas próprias do espaço público, é imprescindível localizar a internet como um espaço de convivência coletiva. Sem esse ensinamento, eles ficam vulneráveis em muitos aspectos, principalmente em relação à exposição pessoal.

Há um fator complicador nessa questão. Muitas crianças e jovens têm seu próprio computador, que, em geral, fica no quarto. Os pais de classe média, no anseio de proporcionar o maior conforto possível aos filhos, equipam seus quartos como se fossem uma casa

dentro da casa. Lá eles têm aparelho de som, de TV, computador. Além de um conforto individualista, eles ganharam, dessa forma, o total controle sobre como, quando e quanto usam esses seus pertences. O problema é que, no conforto de seus quartos, eles se sentem protegidos pela casa -a fortaleza da privacidade-, agem como se estivessem no espaço privado, no qual estão fisicamente, e se esquecem de que há uns poucos fios que os lançam no espaço público, ainda que no modo virtual. E, no espaço público, eles estão sob o olhar atento do outro e, portanto, sujeitos a julgamentos. Sem a presença firme e educativa dos pais, eles não conseguirão distinguir essa complexa situação, a não ser pagando contas que lhes sairão bem caras.

Outra responsabilidade dos pais é determinar o tempo que os filhos ficam em frente ao computador e como o usam. Uma conhecida contou-me que a filha, de nove anos, convida as amigas para ir à sua casa e lá elas ficam o tempo todo em frente ao computador, sem conversar entre si. Como crianças e jovens ainda não sabem administrar seus quereres e tampouco dividir seu tempo entre várias atividades, eles precisam dos pais para um decisivo "agora chega!". Esse limite de tempo de uso é que dará à criança ou ao jovem a oportunidade de descobrir outras atividades de seu interesse ou mesmo buscar relações pessoais diretas e não apenas mediadas pela rede, que

lhes permite ser tudo ou quase tudo sem grandes esforços. Há ainda outras questões

importantes, entre elas, o conteúdo a que eles têm acesso na internet.

- ❖ A informática já invadiu nossos lares? Tomou conta ou mantemos o controle? O que se passa em nossas casas?
- ❖ Há cuidados indispensáveis? Quais? Por que?
- ❖ O que consideramos enriquecedor? O que identificamos como perigo?
- ❖ Onde estará o equilíbrio?

*Psicóloga e autora de "**Como Educar Meu Filho?**" (Ed. Publifolha).

Mudança de postura.

Por muito tempo o Vaticano pareceu temer a divulgação dos casos de desvios de comportamento nos seminários e no clero, que tanto mal produzem na vida da Igreja, atingindo a sua credibilidade. O papa Bento XVI adota medidas severas agora públicas, sempre melhor que ocultar a realidade. Logo no início do seu pontificado determinou ampla investigação sobre o que se passa em seminários norte-americanos, com base em inúmeras denúncias de práticas de homossexualismo e pedofilia. Ações judiciais naquele país causaram centenas de milhões de dólares de prejuízos à Igreja, com indenizações pagas às vítimas. Em maio deste ano, o papa afastou de suas funções o padre mexicano de 86 anos, denunciado por seminaristas de práticas ilícitas ao longo de algumas décadas. O sacerdote punido é nada menos que o fundador dos Legionários de Cristo, uma nova congregação católica atuante em vários países do continente. Essas práticas têm levado muitos católicos ao questionamento do celibato obrigatório do clero como uma das possíveis causas desse tipo de desvio, por exigir a sublimação de um impulso natural com que Deus nos dotou para a nossa plena humanização. Essa anulação de um impulso natural por toda a vida pode levar alguns a tensões que não terão capacidade de dominar. Os mesmos desvios de comportamento e assédios sexuais ocorrem também em outros grupos sociais, e são duramente condenados como formas de exploração praticadas por pessoas com poder contra outras em situação subalterna, geralmente crianças e adolescentes, incapazes de reagir. No caso da Igreja e seus seminários, tais desvios pelo visto não mais serão ocultados e tolerados.



1 INSIGNIFICÂNCIAS

Discurso do Senador Cristovam Buarque no Senado Federal 1ª parte.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Senadores:

"Vim falar de insignificâncias.

Lamento tomar o tempo do Senado Federal em um momento de mensalões, CPIs, cassações, bingos e tantas coisas mais importantes, para falar de coisas simplesmente insignificantes. Mas não quero um dia ser acusado de não ter falado de insignificâncias. Tanto quanto o poeta, que no meio da guerra não quis deixar de falar de flores.

A primeira insignificância é a da ameaça à segurança nacional.

Isso pode ser uma insignificância, diante dos escândalos imediatos. Mas é assustador para quem olha para o futuro e vê a consolidação de bases militares na fronteira brasileira. Ao lado do escasso recurso natural do futuro: a água. No Norte, o território colombiano tem uma base com capacidade de movimentos e agilidade para em poucos minutos ocupar qualquer área de nossa imensa Amazônia. Sob o argumento de enfrentar uma guerrilha eterna, e para enfrentar o tráfico de drogas que

continua alimentando o eterno e insaciável consumo norte-americano, os EUA já investiram no chamado "Plano Colômbia" algo como 3 bilhões de dólares, incluindo o envio de 800 soldados fortemente armados, 600 civis e uma imensa e poderosa quantidade de equipamentos militares.

No Sul, os EUA montaram uma base aérea, exatamente na fronteira com o Brasil com o Paraguai. Sem necessidade de desculpas, a tropa está ao lado do chamado Aquífero Guarani, o maior reservatório de água doce do planeta, com mais de 1 milhão de km² de extensão, que abrange partes do Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina. O mesmo recurso fundamental da Amazônia. O Brasil é um território cheio de recursos e cercado pela força avassaladora do maior império da história.

Sei que esse é um assunto insignificante diante de tantos problemas aos quais nos dedicamos com tanto afincamento nas diversas CPIs.



Mas não consigo me calar diante da insignificância de ver o território de meu país ao alcance das mãos de estrangeiros.

Dentro de poucos anos mais, quando a escassez de água doce e de outros recursos forçar os grandes países a intervir na nossa soberania, toda a força deles estará pronta, sem qualquer estratégia para nos defendermos.

É uma pena que fatos tão mais importantes do dia-a-dia nos façam esquecer da insignificância da necessidade de uma mudança profunda para consolidar nossa defesa nacional, começando por nossas Forças Armadas, seu papel, sua estrutura, suas estratégias, seus equipamentos, sua formação. E também de todos os demais aspectos que ameaçam a defesa nacional: como **a desigualdade social e regional, a falta de educação básica e superior, a dependência científica e tecnológica.**

Lamento, Senhor Presidente, não ter conseguido resistir à necessidade de falar desta insignificância que é **a desigualdade social brasileira.** Que traz a vergonha de sermos campeões mundiais de perversidade social, como antes

éramos campeões pela escravidão, e agora somos pela exclusão. Pode ser uma insignificância, diante de problemas tão gritantes do presente, falarmos do risco de uma ruptura na unidade nacional, decorrente do constante aumento da desigualdade social no Brasil.

Senhor Presidente, se essa marcha for mantida, caminharemos para um país tão dividido que não será mais um país. Serão dois, como era na época da escravidão. Que cumplicidade nacional e que solidariedade podem existir em um país no qual os 10% mais ricos detêm 47% da renda nacional e os 50% mais pobres ficam com 10%, e os 10% mais pobres detêm somente 0,5%? É como se não fizessem parte do mesmo país. E dentro de 20 ou 30 anos, se essa tendência continuar, seremos um país dividido em duas castas irreconhecíveis.

Desculpe trazer aqui a insignificância desse genocídio coletivo cometido pelos 10% mais ricos do Brasil contra os 50% mais pobres, graças aos sucessivos governos da incompleta República Brasileira, inclusive do atual governo, que chegou com a esperança de mudar essa situação. Desculpe falar da insignificância da destruição do tecido nacional, que obriga o país a preferir se armar, viver em condomínios fechados, ter medo dos centros de suas cidades, avançar os sinais de trânsito, transformar seus automóveis em carros de combate luxuosos.

Essa insignificância tem o nome de apartheid, e é o regime especial de um país dividido

que montamos no Brasil. Talvez na África do Sul dos anos 30 alguns tenham falado no Parlamento sobre a insignificância do rumo do apartheid, para o qual o país marchava. De nada adiantou, porque havia assuntos mais importantes. Certamente de nada vai adiantar este meu discurso, tomar o tempo do Senado, nesses tempos de coisas tão importantes, para falar da insignificância que é o nosso País, além de indefeso em relação ao exterior, se dilacerar internamente por causa da desigualdade e do regime de apartheid, que está em construção com o apoio da esquerda e da direita.

Senhor Presidente, diante de tantos fatos importantes como mensalões, **deixe-me falar da insignificância de que no Brasil ainda há 5 milhões de crianças entre 5 e 17 anos de idade que trabalham,** e pelo menos 100 mil vítimas da exploração sexual comercial; da insignificância de termos 1,5 milhão que crianças que nem ao menos estão matriculadas, de 30 milhões que não terminarão o Ensino Médio, de 52% das que estão na quarta série mas não sabem ler nem escrever, sem falar dos quase 15 milhões de analfabetos jovens e adultos; da insignificância de 30 mil escolas que não têm luz elétrica ou banheiro, pouquíssimas com computador ou televisão, de 80% dos professores que ganham menos de um salário mínimo e sabem muito menos do que um bom aluno do Ensino Médio. Senhor Presidente, a tragédia da educação



brasileira, esse terremoto intelectual seguido do tsunami mental e do furacão de ignorância, é uma insignificância diante dos mensalões e CPIs, mas eles vão destruir nosso país de maneira muito mais grave e difícil de recuperar do que todas as outras tragédias.

Mesmo nossas pequenas melhoras ocorrem em velocidade menor do que no resto do mundo. Agimos como tartarugas, nos vangloriando de não estarmos parados, mesmo quando todos passam rápido por nós, fugindo da queimada cerebral que caracteriza o abandono da educação de um povo.

Como consequência, Senhor Presidente, **vivemos o insignificante mas grave problema de perdermos definitivamente a corrida pela maturidade científica e tecnológica que o século XXI vai exigir.** Estamos perdendo a capacidade não só de sermos autônomos, situação rara no mundo global, mas de sermos capazes de conviver, de sermos parceiros dos outros países. De entendermos o que os outros criam. Condenados a

importar, sem nada ajustar à nossa realidade. Tudo isso pode ser insignificante diante dos fatos que enfrentamos. Mas Senhor Presidente, é extremamente grave para a sobrevivência nacional. É insignificante mas é grave o fato de estarmos com os pés no século XXI, mas a cabeça e o coração, a eficiência técnica e os valores éticos ainda no século XIX.



Essa insignificância nos leva a outra igualmente grave para o futuro do Brasil, ainda que não tão importante quanto os mensalões do presente. Trata-se, Senhor Presidente, da insignificância da nossa perda de competitividade. Por falta de uma educação de base, de ciência e tecnologia modernas, por causa do descrédito nas instituições políticas e das incertezas das decisões judiciais, por causa das complexas regras burocráticas nacionais e de apressados acordos internacionais que escancararam nossas fronteiras para produtos estrangeiros, o Brasil é um dos países com menor competitividade no cenário internacional. Mesmo setores onde ganhamos competência, como sapatos, soja, arroz, correm o risco de paralisia por falta de uma política industrial de curto e médio prazo. Ou por culpa da omissão, como no caso da carne, prejudicada pela insignificância do tema da vigilância sanitária.

(Parte do discurso de 19/10/2005, no Senado Federal. Continua no próximo número)

ÁLCOOL E DROGAS: EM CASO DE NECESSIDADE, BUSQUE AJUDA GRATUITA DOS GRUPOS ANÔNIMOS NA INTERNET

AL-ANON: A ajuda dos familiares do alcoólico

--- <http://www.al-anon.org.br>

DEPRESSÃO: A ajuda dos neuróticos anônimos

--- <http://www.neuroticosanonimos.org.br>

ÁLCOOL: A ajuda dos alcoólicos anônimos

--- <http://www.alcoolicosanonimos.org.br>

DROGAS: A ajuda dos narcóticos anônimos

--- <http://www.na.org.br>

Marcelo Barros *

Nova comunicação para uma humanidade renovada

A atuação dos meios de comunicação social é decisiva para fomentar no mundo uma cultura de paz ou, ao contrário, situações que favorecem a violência. A imprensa, o rádio e a televisão podem contribuir com a paz e a justiça no mundo, como, ao contrário, legitimar discriminações sócio-econômicas, raciais e de gênero.

Há muitos exemplos nos quais a imprensa se põe a serviço das melhores causas. A humanidade reverencia centenas de jornalistas que deram a sua vida na defesa

da paz e da justiça. Entretanto, temos de reconhecer que, infelizmente, no cotidiano da vida, muitos dos meios de comunicação mais conhecidos e prestigiados de cada país estão atados a interesses de grandes grupos econômicos. Nas últimas décadas, uma norma cada vez mais universal é a comercialização da cultura. Países como os Estados Unidos privatizaram não muitos, mas todos os meios de comunicação. Isso gerou uma concentração das empresas de comunicação. As mais fortes e ricas compram as mais frágeis.

Em todo o continente latino-americano, a Televisa mexicana criou um império. O grande grupo de mídia venezuelano, pertencente a Gustavo Cisneros, controla hoje mais de 70 empresas de comunicação. Através da

Venevision, principal emissora de televisão da Venezuela, entra em toda a América Latina e produz programas para a televisão espanhola. Através de contratos milionários com a AOL a Time Warner e a Direct TV, atinge uma audiência de centenas de milhões de pessoas em 62 países do mundo.

No Brasil, os grandes meios de comunicação continuam em mãos de poucas famílias que condicionam muito o que o povo deve pensar e sentir. Ao invés do mundo se tornar a aldeia global, multicultural e planetária, proposta por Mashall Mac Luhan, a concentração das comunicações nas mãos de poucos conglomerados transforma o mundo em uma aldeia fechada e provinciana que pretende impor às mais diversas culturas os seus valores ideológicos e econômicos. A terra inteira se transforma em uma espécie de quintal dos poucos poderosos que dominam o mercado das comunicações. É isso que faz Ignace Ramonet, diretor do prestigiado *Le Monde Diplomatique*, afirmar: "Atualmente, em muitas circunstâncias, os meios de comunicação não só deixaram de defender os cidadãos, mas, freqüentemente, chegam a agir contra o povo no seu conjunto..." (Cf. Agenda Latino-americana, 2006). É o que se constata quando o grupo Cisneros encabeça uma campanha violenta e permanente contra o presidente venezuelano Hugo Chaves, não por seus defeitos, mas justamente por este pretender acabar com as desigualdades sociais no país. O mesmo tipo de interesse mais econômico que político faz com

que, no Brasil, erros e desvios de políticos ligados ao governo atual recebam uma condenação extremamente mais rígida do que todos os casos de corrupção e roubo comprovados no governo anterior. No documento conclusivo do 2º Fórum Social Brasileiro (Recife, 23 de abril de 2006), as organizações e movimentos populares pedem uma verdadeira democratização dos meios de comunicação social.

Nos grandes veículos da imprensa, muitas vezes, a informação está deformada ou mesmo envenenada, tanto ou mais do que os alimentos em uma sociedade que não hesita em usar agro-tóxicos e sementes transgênicas para lucrar mais. Os meios de comunicação não agem assim por alguma doença que os impede de ver algo de bom em alguém aparentado com o que antigamente se chamava de esquerda. O problema é outro. O mundo da comunicação exige imensos investimentos e assim acabam dominados por grandes grupos econômicos. Estes confundem informação com manipulação da opinião pública. Até os governos trocam comunicação por publicidade. Consideram-se agentes de comunicação bem sucedidos os marqueteiros que vendem dos políticos as imagens mais capazes de seduzir eleitores.

Há décadas, os setores mais conscientes da sociedade se deram conta de que a informação é um bem comum e direito da sociedade como um todo.

Mesmo se não existe uma versão totalmente objetiva e neutra de cada fato ocorrido, no mundo atual, os lados da questão não são iguais. Um incidente que envolva índios e empresários do setor de imobiliárias ou um grupo de mulheres sem-terra e os gerentes de uma multinacional não pode ser tratado como se, na sociedade em que vivemos, os dois lados do conflito tivessem o mesmo direito de informação e as mesmas condições de se defender. É claro que "todo ponto de vista é sempre vista de um ponto", mas os direitos privados de um proprietário não podem ter o mesmo valor perante à lei que a vida e a sobrevivência de uma comunidade de milhares de pessoas. A liberdade dos meios de comunicação é essencial para a democracia. Como tal implica responsabilidade social e o seu exercício deve, em última instância, estar sujeito ao controle da sociedade. Apesar de também não ser imune a abusos, como qualquer atividade humana, a internet tem se revelado um importante fórum de debates democráticos e que permite interação e participação mais igualitária dos cidadãos.

Todas as pessoas e grupos que, hoje, trabalham para transformar o mundo sabem que esta mudança não será feita por armas nem por leis impostas. Alguns países tiveram a experiência de eleger governos mais populares, nos quais a maioria da população depositou sua esperança. Apesar das contradições do processo e das decepções



inerentes a este tipo de estrutura política, continua importante fazer este discernimento e valorizar as eleições como peça fundamental neste processo. Entretanto, o elemento decisivo para a mudança será a educação. Por isso, não podemos deixar a tarefa da comunicação apenas com os/as jornalistas, por mais empenhados e capazes que sejam. Democratizar os meios de comunicação social e colocá-los a serviço das grandes causas da humanidade é compromisso que todos devem assumir. Nas famílias, escolas, trabalho e nas diversas esferas da sociabilidade, é preciso que se fortaleça uma comunicação de tipo novo, mais crítico do atual sistema e mais solidário com as parcelas da população, secularmente marginalizadas.

No mundo antigo, havia um termo para designar a notícia alvissareira, capaz de mobilizar as pessoas para serem mais livres. Em grego, chamavam esta notícia "evangelho". Era um termo técnico para os anúncios de anistia, de perdão de dívidas e de libertação para uma região antes sujeita à dominação. É por isso que

- ❖ Até que ponto as pessoas são capazes de ler, ver e ouvir criticamente o que lhes é passado pelos meios de comunicação: jornais, rádio, TV?
- ❖ O poder de convencimento da mídia é capaz de "fazer a cabeça" das pessoas sem que elas percebam? Como sim, ou como não?
- ❖ Como avaliar a isenção nos noticiários e identificar a manipulação da notícia?

Não brinque com fogo. A erva maldita é traiçoeira. A brincadeira ou curiosidade pode levar à dependência.

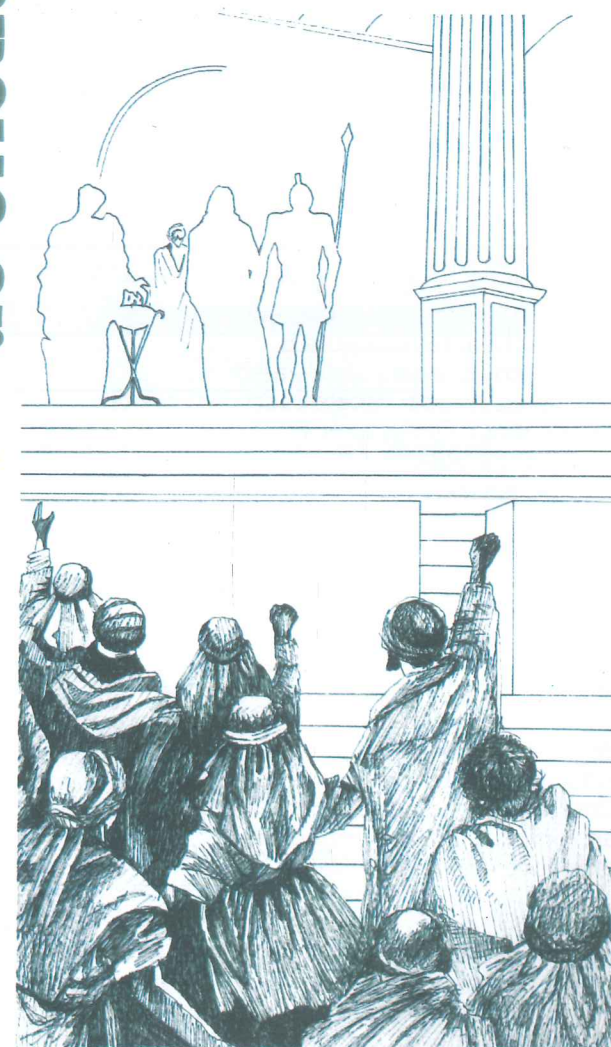


um discípulo do profeta Isaías dizia: "São felizes e abençoados os passos das pessoas que anunciam evangelhos (no sentido de notícias libertárias) ao meu povo" (Cf. Is 52).

** Monge beneditino e autor de 26 livros.
mosteirodegoias@cultura.com.br*

Os anos perdidos do Cristianismo

A publicação do Evangelho de Judas, escrito apócrifo tardio de natureza gnóstica, suscitou interesse geral sobre o cristianismo das origens.



Leonardo Boff*

Ilustração: Gravura do Programa do Centro de Cultura Musical da PUC-Rio (1979).

Ultimamente esse tema tem ocupado a investigação científica especialmente nos EUA, com minuciosas pesquisas acerca dos assim chamados "anos perdidos do cristianismo", que são os anos 30 e 40 do século I, aquelas obscuras décadas posteriores à execução de Jesus. A partir dos inícios dos anos 50, com as cartas de São Paulo e, depois, com os quatro evangelhos dispomos de farta documentação. Mas o que ocorreu nos anos anteriores?

As fontes são exíguas como o evangelho de Tomé, a Didaqué e a "Quelle" (fonte), sub-texto comum aos evangelhos de São Lucas e de São Mateus, todos anteriores ao ano 50. Vários são os investigadores católicos e evangélicos que se notabilizaram nesta área como H. Köster, J. Kloppenborg, D. Kyrntatas, P. Brown entre outros. Porém, o mais perspicaz e erudito de todos é o católico irlandês-norte-americano J. D. Crossan, presidente da seção sobre o Jesus histórico da "Society of Biblical Literature" e coordenador do "Jesus Seminar". Das várias obras destacam-se principalmente duas: "O Jesus da história: a vida de um camponês mediterrâneo judeu" (1991) e "O nascimento do Cristianismo: o que sucedeu nos anos imediatamente posteriores à execução de Jesus" (1998).

Este último com mais de 600 páginas representa a combinação interdisciplinar de enfoques antropológicos, históricos, literários e arqueológicos na tentativa de reconstruir os contextos que

permitiram o nascimento do Cristianismo como interação de Jesus com seus companheiros e com o mundo que os rodeava.

Aí ficamos sabendo que muitos artesãos e camponeses como Jesus e seu grupo viviam na resistência radical, mas não violenta contra o desenvolvimento urbano de Herodes Antipas e o comercialismo rural de Roma, na Baixa Galiléia, no final dos anos 20. O contexto mais geral era a cerrada oposição por parte da pátria judaica ao internacionalismo cultural grego e ao imperialismo militar romano.

O Cristianismo histórico, segundo Crossan, é fruto de três tradições que se entrelaçaram. **A primeira é a Tradição da Vida** que enfatiza os ditos de Jesus e propõe um modo de vida inspirado nos comportamentos libertários de Jesus. Esta tem um cunho rural, pois medrou na Galiléia rural.

A segunda é a Tradição da Morte e da Ressurreição que procurava entender por que Jesus foi assassinado se depois foi ressuscitado. A ressurreição era entendida no quadro da apocalíptica que afirmava o caráter cósmico do fenômeno, o começo da renovação do mundo e da transfiguração do ser humano. Ela é mais urbana, pois foi elaborada a partir de Jerusalém.

A terceira é a Tradição da Comida Comum. Eram comidas reais como comidas compartilhadas comunitariamente que simbolizavam a justiça equitativa de Deus. O importante não era o pão, mas o

repartir o pão. Neste contexto se situava a celebração da eucaristia. A Tradição da comida unia as duas tradições referidas. Para a Igreja em estado nascente não eram suficientes os ditos, a vida, a morte e a ressurreição de Jesus. Tudo deve desembocar na mesa comum,

**Teólogo. Membro da Comissão da Carta da Terra. Leonardo Boff é autor de "Jesus Cristo Libertador" (Vozes).*

- ❖ *É comum as famílias celebrarem em suas casas o rico ritual da partilha do pão, como o faziam os primeiros cristãos? É possível carregar a mesa de refeições com o rico simbolismo que a faz sentida como a mesa da partilha?*
- ❖ *A celebração doméstica, refletida brevemente por todos, ajudaria a formar os filhos para o desafio da partilha como centro da vivência de sua fé? Será difícil realizá-la pelo menos semanalmente?*

Cada família do MFC uma assinatura por ano!

Um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias:

VENDA OU DÊ DE PRESENTE, CADA ANO,
UMA ASSINATURA DE

fato
e razão

Envie o nome e endereço de um filho, parente, amigo, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal cruzado ao MFC. Assinatura anual: 30 reais (4 números)*

Distribuidora MFC de Fato e Razão

Rua São João, 25 s/loja - CEP 24020-040 Niterói - RJ

Tel.: (21) 2621-5278

e-mail: fatorazao@primyl.com.br

*Preço válido para assinaturas em 2006

Não fique tão sério

Carta ao credor

"Prezados Senhores, Esta é a oitava carta jurídica de cobrança que recebo de Vossas Senhorias... Sei que não estou em dia com meus pagamentos. Acontece que eu estou devendo também em outras lojas e todas esperam que eu lhes pague. Contudo, meus rendimentos mensais só permitem que eu pague duas prestações no fim de cada mês. As outras, ficam para o mês seguinte. Estou ciente de que não sou injusto, daquele tipo que prefere pagar esta ou aquela empresa em detrimento das demais. Ocorre o seguinte: Todo mês, quando recebo meu salário, escrevo o nome dos meus credores em pequenos pedaços de papel, que enrolo e coloco dentro de uma caixinha. Depois, olhando para o outro lado, retiro dois papéis, que são os dois "sortudos" que irão receber o meu rico dinheirinho. Os outros, paciência. Ficam para o mês seguinte. Afirmando aos senhores, com toda certeza, que sua empresa tem constado todos os meses na minha caixinha. Se não os paguei ainda, é porque os senhores estão com pouca sorte. - Finalmente, faço-lhes uma advertência: Se os senhores continuarem com essa mania de me enviar cartas de cobrança ameaçadoras e insolentes, como a última que recebi, serei obrigado a excluir o nome de Vossas

Senhorias dos meus sorteios mensais. - Sem mais, obrigado." (Carta de Leitor da Folha de São Paulo)

Os filhos

Quatro mães católicas estão tomando chá. A primeira senhora, querendo impressionar as outras, diz: - Meu filho é padre. Quando ele entra em qualquer lugar todos se levantam e dizem: "Boa tarde, Padre"! A segunda não fica para trás e comenta: - Pois o meu filho é bispo. Quando entra em uma sala, com aquela roupa, todos param o que estão fazendo e dizem: "Sua benção, Bispo!". A terceira, calmamente, acrescenta: - Pois meu filho é cardeal. Quando entra em uma sala todos se levantam, beijam o seu anel e dizem: "Sua benção, Eminência!". A quarta permanece quieta. Então, a mãe do cardeal, só para provocar, pergunta: - E o seu filho, querida, não é religioso? A quarta responde: - Não. Meu filho tem 1.90m, é bronzeado, loiro de olhos verdes, pratica musculação, surfa e é modelo. Quando ele entra numa sala, a gente ouve suspiros: "Meu Deus!!!"



Em 2001, o mundo estupefato assistiu à destruição das torres de Nova York, e de uma hora para outra o 11 de setembro passou para a história como símbolo de múltiplos significados.

Também se tornou patente ao mundo inteiro a fragilidade da maior potência mundial - quase inacreditável, mas essencialmente verdadeira. O Império do ponto de vista econômico, científico, tecnológico, cultural se apresentou extremamente vulnerável - como jamais poderia se supor, tanto em meio a seus filhos, como no restante do universo.

O terrorismo não se justifica sob qualquer hipótese, e não pretendemos fazer a sua apologia. Não foram poucas, contudo, as vozes que clamaram pela urgência

em fazer a sua leitura. Múltiplos analistas reconheceram no gesto suicida do ataque um veemente protesto contra a política norte-americana relativamente ao Oriente Médio, como protetor político e militar do Estado de Israel mas negando aos palestinos esse mesmo direito de se constituírem em Estado. O mundo árabe também vem se sentindo profundamente ameaçado por um processo contínuo de ocidentalização, com risco de perda da própria identidade - e os Estados Unidos, hegemônicos no mundo e do ocidente - teria que ver muito com esse processo. Por que tanto ódio aos Estados Unidos? Suas políticas internacional, econômica, cultural, científica têm prejudicado outros povos? Há um empobrecimento do planeta e um enriquecimento do Império? Vigoram nos seus critérios apenas aspectos competitivos com desdém de aspectos cooperativos?

Os Estados Unidos constituem um império, mas se mostraram

extremamente vulneráveis. Hoje se questiona o nível de segurança do Império e se conclui que ele é relativo, que não há segurança absoluta e que a melhor segurança provém de uma política de respeito aos direitos alheios, de solidariedade com os povos. A tecnologia de que dispõem, a ciência que possuem e a vigilância propiciada pelo FBI e os serviços de Inteligência disponíveis e a serem criados não garantirão, jamais, uma segurança total. O terror é imprevisível, foge ao convencional, utiliza mil estratégias inimagináveis. O terror é um terror, porque não obedece a regras, porque beira à insanidade ou é ela a própria insanidade, não considera a própria vida e perdê-la é um lucro. O terror não encontra coordenadas em uma mente sadia, mas é perfeitamente acolhido em uma mente fanatizada. Não há lógica no terror. Por isso a dificuldade em se combatê-lo eficazmente. Ele foge dos esquemas. Suas possibilidades são infindáveis.

Os EUA estavam se preparando para implementar um sistema de escudo antimíssil, julgando que assim estariam protegidos de ataques e em segurança. Engano. Eles se apresentaram indefesos e fragilizados. A guerra do terror não é uma guerra tradicional, não se sabe onde está o inimigo nem onde ele pode surgir, nem com que armas atuará, porque o seu arsenal, estritamente falando, é infinito, e ele pode aparecer na própria casa (McVeigh). Lutar contra o terrorismo é, realmente, uma luta inglória.

Melhor é combater suas causas, fazer a sua leitura.

No passado se dizia que "se queres a paz prepara a guerra". Hoje, com a evolução do mundo e dos seres que o povoam, soará melhor "se queres a paz prepara a paz", porque quem semeia ventos colhe tempestades e quem semeia solidariedade recolhe aliados. Os Estados Unidos, por acaso, pensaram no terror que estão infundindo nos habitantes do planeta, ao serem responsáveis por 22% das emissões mundiais de gases-estufa, causadores do aquecimento da terra, o que ocasionará uma queda na produção de alimentos em regiões tropicais, decréscimo na disponibilidade de água nas regiões áridas (nordeste brasileiro, por exemplo), risco de inundações, e, num mundo mais quente e mais úmido, mais mosquitos com mais gente infectada pela malária e pela dengue? E as regiões mais pobres da terra terão menor capacidade de se adaptar e sofrerão mais, o que não foi convincente para eles assinarem o Protocolo de Kioto, que se comprometia, ainda que parcimoniosamente, com a redução da emissão desses gases. É que sua redução afetaria a economia dos Estados Unidos... O resto, bem... o resto é o resto!

Não se pode nem se pretende justificar o terrorismo. Justificar o terrorismo é terrorismo. Mas é preciso entendê-lo, fazer sua leitura. O poder avassalador dos EUA não lhe permite estar de costas para o resto do mundo - isto pode lhe

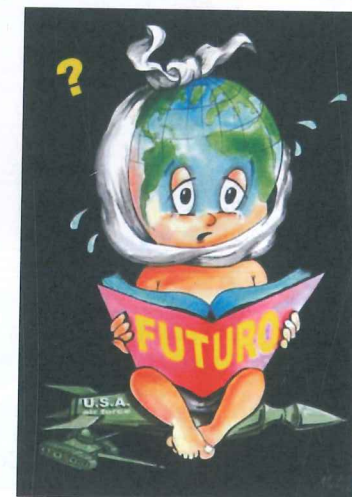
custar muito caro, ou já está custando -, ao contrário, sua condição de líder mundial o obriga a ser solidário com o planeta, isto é, com todos os povos. Ou sua hegemonia estará com os dias contados.

A melhor resposta ao terrorismo que os EUA poderão dar será uma nova maneira de encarar os problemas, de não pensar apenas nos seus interesses, de se empenhar em resolver o conflito árabe-israelense com soluções equitativas e justas, porque sua política nesse particular tem se demonstrado extremamente danosa, inclusive para o povo de Israel, haja vista as numerosas perdas dessa nação em atentados e confrontos. A política norte-americana para o conflito tem sido equivocada, em protegendo unilateralmente Israel, acirra os ódios do outro lado que se sente extremamente injustiçado e discriminado. E daí acontece...

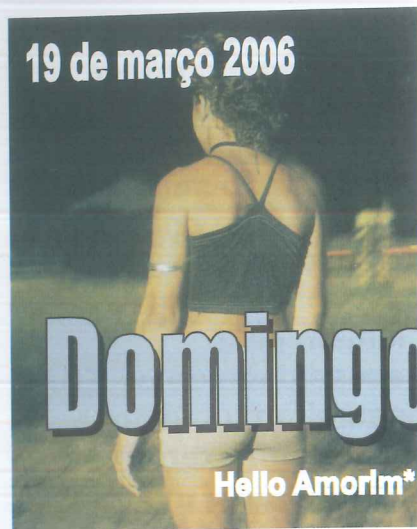
A resposta ao terrorismo não é primeiramente bélica. É, antes, questão de fazer a sua leitura, interpretar o seu significado e combater as suas causas. No caso, os analistas clamam pela necessidade de os EUA assumirem uma nova postura no exercício de sua liderança mundial. Sem isso, o terrorismo continuará, para desgraça de todos. Estamos, afinal, no mesmo barco, e se o timoneiro quiser nos levar para o sumidouro, o que faremos?

** Professor Universitário (UFRGS e PUCRS)*

OS CARTUNISTAS



O cartunista Matiz, com sua arte, denuncia o medo do planeta enfermo por guerras produzidas por quem detém o maior poder bélico jamais existente na história humana. Charge publicada em ADITAL Agência de Notícias Frei Tito para a América Latina.



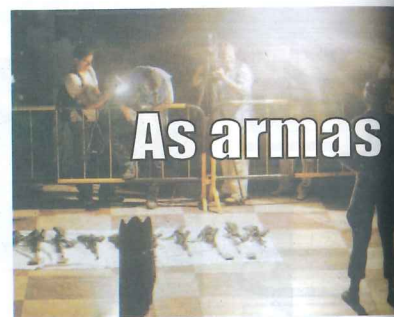
Manhã. O GLOBO nos sacode cedo com impressionante reportagem. Crianças são oferecidas pelas mães para abusos sexuais nas margens das estradas. Meninas cobram 1,99 reais por sexo oral em terrenos baldios. Adolescentes vendem sexo por 5 a 10 reais. Agências de turismo trazem bandos de tarados em vôos charters da Europa, com a garantia de sexo com meninas adolescentes.

A reportagem fotografou e entrevistou prostitutas de 9 a 14 anos em pátios de estacionamento de caminhões, dormitórios de beira de estradas, viajou em barcos de turismo sexual no Pantanal (350 reais por cinco dias de pesca, comida e sexo com meninas de 12 a 14 anos), percorreu motéis, pousadas, zonas portuárias.

Meninas, evidentemente pobres, se oferecem a ávidos pedófilos. Jovens de dezoito anos são veteranas, com cicatrizes de partos ou abortos.

Muitas já são agenciadoras de crianças. A prostituição infantil arrasta meninos e meninas. Pesquisa da Universidade de Brasília com apoio da UNICEF registra ocorrências em 927 municípios. Nordeste lidera a exploração com quase um terço dos casos. O Sudeste responde por um

quarto. Os números assustam. Um modelo político-econômico que garante o pagamento de juros astronômicos a credores agiotas e bloqueia o crescimento econômico e oportunidades de emprego, gerando miséria e profundas diferenças sociais, empurrando crianças e adolescentes para esse comércio vil para garantir o prato de comida, é um modelo perverso para os pobres. Doce para os bancos.



Tarde. A revista ÉPOCA desvela em página inteira o fato escandaloso: as armas roubadas do quartel militar foram devolvidas secretamente pelos bandidos mediante acordo do comando do Exército com o Comando Vermelho,

dois dias antes da encenação de sua recuperação no meio do mato. As condições impostas pelo bandido preso, que dá as ordens de dentro da prisão, foram atendidas: imediata retirada das tropas das favelas invadidas, por estarem prejudicando as vendas de drogas com enorme prejuízo para o bando; e a encenação do encontro das armas em mata do território controlado pelo ADA, o comando inimigo, para simular a responsabilidade do bando rival pelo roubo.

Conhecer essa importante negociação, cumpridas por ambas as partes as condições do acordo, como se fossem partes igualmente qualificadas e competentes para fechar um negócio dessa natureza, faz-nos sentir uma total impotência frente ao crime organizado.



Noite. O Fantástico mostra, para milhões de telespectadores, "Falcão Meninos do tráfico", o

mais impressionante documentário de quase uma hora, sobre o envolvimento de crianças e adolescentes no comércio de drogas. Pela primeira vez essa rude e terrível realidade é mostrada pelo outro lado. O idealizador e cineasta MV Bill conhece tudo por dentro. Entrou mas conseguiu escapar desse envolvimento com o tráfico.

Dezesseis crianças e adolescentes, "falcões" em atividade, foram entrevistados, sem censura, revelando o que lhes passa pela cabeça e como vêem o mundo-cão. "Falcões" são os "olheiros" pagos pelos traficantes como sentinelas para avisar o bando sobre qualquer movimento suspeito, aproximação da polícia ou de bandidos inimigos.

Os depoimentos são impressionantes. A falta de esperança é a marca comum. Chocam. "Se eu morrer, nasce um outro que nem eu, pior ou melhor". A expectativa de vida desses pobres falcões não passa muito dos 20 anos. "Se eu morrer, vou descansar, é muito esculacho nessa vida".

Também corrupção policial. "De dia tem polícia na favela, de noite é arrego (suborno)". E explica: "Se acabar com o tráfico, eles (os policiais) só vão ter o salário deles, vão ficar massacrados. Então não vai acabar tão cedo".

Dos dezesseis menores entrevistados que conhecemos no filme, quinze já morreram. O único sobrevivente está preso, já agora com 21 anos. Por que esses meninos escolhem esse caminho?

Ajudar a família a sair da miséria, o sonho do tênis de marca, da roupa bonita, o prestígio de ser do bando que manda na favela, o respeito imposto pela arma na cintura, a falta de perspectivas para uma vida digna... de tudo um pouco. Mas quase todos sonham mesmo é em sair dessa vida bandida. Só não vêem como. Esquecemos de lhes abrir caminhos. "Mas a economia do país vai bem!" Para quem, seu doutor?

Dias seguintes. Quatro recursos judiciais são negados pelos juizes das instâncias inferiores. O quinto é atendido pelo Superior Tribunal de Justiça. Nada menos que o STJ, em vista da gravidade do crime. A mulher, finalmente, sai da cadeia. Foram 144 dias de prisão. A jovem mãe padeceria mais de quatro meses atrás das grades, impedida de

Durante meu primeiro ano da faculdade, nosso professor nos deu um questionário. Eu era bom aluno e respondi rápido todas as questões até chegar à última:

"Qual o primeiro nome da mulher que faz a limpeza da escola?"

Sinceramente, isso parecia uma piada. Eu já tinha visto a tal mulher várias vezes.

Ela era alta, cabelo escuro, lá pelos seus 50 anos, mas como eu ia saber o primeiro nome dela? Eu entreguei meu teste deixando essa questão em branco e um pouco antes da aula terminar, um aluno perguntou se a última pergunta do teste ia contar na nota.

"É claro!", respondeu o professor. "Na sua carreira, você encontrará muitas pessoas. Todas têm seu grau de importância. Elas merecem sua atenção mesmo que seja com um simples sorriso ou um simples 'alô'". Eu nunca mais esqueci essa lição e também acabei aprendendo que o primeiro nome dela era Dorothy. (Autor desconhecido)

trabalhar e ver a filha pequena. Visitas somente da própria mãe, desesperada. A liberdade é provisória, até o julgamento. Dura lex. Angélica Teodoro, 18 anos, não tem antecedentes criminais. Vai responder ao processo em liberdade. O crime: roubou um pote de manteiga num supermercado.

Enquanto isso... ladrões de milhões, réus confessos de golpes milionários, gozam sorridentes de inexpugnável liberdade, apagando vestígios e esticando prazos para alcançar a prescrição de seus crimes ou simplesmente saboreando pizzas assadas em plenários ridículos. Ah! meu Brasil...

**Engenheiro, editor de Fato e Razão, do MFC - Movimento Familiar Cristão.*



Afinal...

o que quer um casal?

Em 2003 foi realizada no Rio de Janeiro uma sondagem de atitudes entre homens e mulheres de classe média acerca de tópicos relativos ao casamento. A pesquisa, coordenada por B. Jablonski (PUC/Rio), dirigiu-se a homens e mulheres casados (mínimo cinco anos de união) e a separados, num total de 152 pessoas, com idade média em torno de 47 anos.

Deonira L. Viganó La Rosa*

Fatores relacionados à melhora e à piora do casamento

Em relação à melhora, as respostas mais citadas foram: mulher menos submissa, mais independente economicamente, com mais direitos e com as obrigações mais compartilhadas na vida a dois. Maior liberdade, mais diálogo, mais igualdade e mais companheirismo. Comparativamente, as mulheres valorizaram mais do que os homens a igualdade e a emancipação feminina.

Quando inquiridos sobre *possíveis causas da piora do casamento*, os homens levantaram questões como: casal trabalhando fora e dedicando-se pouco ao lar

e aos filhos, falta de tempo para a vida a dois, estresse, ausência de compromisso. Já as mulheres destacaram: menor persistência, menor tolerância à frustração e maior possibilidade de separação.

Vantagens e desvantagens da vida de casado

Quem estiver muito preocupado com a *perda da liberdade e da privacidade* deve pensar bem antes de se casar. Entre as desvantagens do casamento, este foi o *item mais citado*, tanto por casados como por separados, de ambos os sexos.

Perda da individualidade, rotina e suas conseqüências (acomodação, monotonia, perda do romantismo, perda da atração sexual,

indiferença), aumento de responsabilidades (obrigações, deveres, sacrifícios) também foram citados como desvantagens, embora bem menos que a perda de liberdade e privacidade.

Como *vantagens do casamento* predominaram, entre os homens em geral, intimidade e compartilhamento (estar ao lado da pessoa amada, dividir responsabilidades, companheirismo, amizade) e a constituição de uma família.

Motivações para o casamento

O que você procurou no casamento?

Companheirismo, amor, constituição de família e respostas de compartilhamento (comunhão de idéias, crescer juntos, cumplicidade, projetos comuns).

O que você realmente encontrou?

Companheirismo, amor e constituição de uma família. O destaque negativo ficou por conta do item *sexo*, francamente mal avaliado dentro do casamento.

O que a maioria das pessoas procura no casamento?

Quando falaram de si os respondentes disseram que buscavam amor e companheirismo, no casamento; agora, quando falaram como observadores dos outros, disseram que a maioria buscava segurança financeira e estabilidade. Seria uma projeção daquilo que não reconheceram em si?

Manutenção do casamento

Respeito mútuo, amor, companheirismo, confiança e sexo são vistos como fatores que mantêm o casamento. Já os filhos são vistos como verdadeiros freios quando os membros de um casal vislumbram a possibilidade de separar-se.

No que diz respeito a decisões mais psicológicas e subjetivas, foram citados como freios para a separação: medo do sofrimento, sentimento de culpa e falta de coragem. Em último lugar ficam motivos "sociais" ligados a pressões familiares, religiosas ou sociais propriamente ditas.

Quais os erros que seus pais cometeram na união/casamento e que você tenta não repetir?

Resposta dos homens: dificuldades no relacionamento (teimosia, impaciência, inflexibilidade), excessiva dedicação aos filhos e mãe muito submissa (não trabalhava, falta de vida própria, excessiva dependência do marido) e a falta de respeito mútuo.

Resposta das mulheres: falta de diálogo, mãe muito submissa e pai machista.

Insatisfação feminina é maior

"Você se imagina passando o resto de sua vida com seu(sua) esposo(a)"?; "qual a frequência das brigas entre os cônjuges"?; "avalie o grau de felicidade existente na sua

união"; "se você pudesse fazer tudo de novo, você se casaria com seu marido/esposa"?

Em todas as questões acima foi encontrado o mesmo padrão de respostas, a saber, uma relativa *insatisfação feminina com o casamento*.

A insatisfação feminina enquadra-se como frustração: elas se sentem sobrecarregadas por duplas jornadas de trabalho e estão casadas com homens que detêm, em grande parte e na prática, uma visão tradicional do papel que lhes

**Terapeuta de Casal e de Família. Mestre em Psicologia.*

Dados publicados em Feres-Carneiro (2003). Família e Casal. R. de Janeiro: Loyola.

- ❖ *E para nós, quais são realmente as vantagens e... desvantagens que temos vivenciado?*
- ❖ *Por que há casais que sabem aproveitar melhor as vantagens e outros que apenas curtem e lamentam as desvantagens?*

UTILIDADE PÚBLICA

Colabore na divulgação dos benefícios do aleitamento materno para a saúde física e psíquica dos bebês.



O Teólogo Pablo Richard fala sobre Teologia da Libertação e os desafios da globalização.



B. F. - Algumas pessoas dizem que a Teologia da Libertação já não é relevante, enquanto outras assinalam que está evoluindo. Como você a vê?

P. R. - Há um processo de diversificação que responde à complexidade do mundo dos oprimidos. Já não basta falar somente dos pobres. É preciso falar do movimento dos jovens, das mulheres, dos indígenas, dos afro-americanos, dos sem-terra, dos camponeses, dos doentes de Aids, dos homossexuais. Existe uma diversificação da Teologia da Libertação com novas categorias: de gênero, de gerações, de ecologia, de raça e de categorias cosmológicas. Não podemos

ao sistema, mas agora é preciso fazer esta crítica desde a perspectiva da mulher, de gênero, dos jovens, fazer uma crítica global ao sistema econômico, ao modelo do mercado, ao sistema de globalização. Esta diversificação é boa, mas se chegamos a uma fragmentação e perda de visão global, podemos ficar estancados. Esta visão global não vai ser só econômica ou política, ela deve ter em conta também a dimensões cultural, ética e espiritual.

B. F. - Para a Igreja Católica e outras igrejas, entrar em diálogo com alguns destes grupos tem sido difícil...

P. R. - Existe uma corrente conservadora na Igreja que busca a unidade, a unicidade contra toda a pluralidade e a diversidade. Este desenvolvimento da Teologia da Libertação está na contracorrente desta tendência conservadora. Temos que defender a diversidade de grupos, a diversidade inclusive de igrejas, de tradições religiosas na América Latina e toda a diversidade da sociedade civil. Esta igreja conservadora está centrada no dogma, na instituição, na lei, e se nega a toda diversidade. Há muita gente que se sente insegura. Esta diversificação, esta presença da Igreja no mundo dá-lhes uma tremenda insegurança e uma perda de poder. Este intento que vem da Igreja de centrar-se sobre si mesma é muito perigoso. A Teologia da Libertação tem que se enfrentar com este fenômeno.

B. F. - A situação política e social em nossos países também está muito incerta. Que papel deve ter a Igreja neste âmbito?

P. R. - A longo prazo, o trabalho fundamental da Igreja é reconstruir a sociedade civil desde a base, a partir das comunidades. Ainda que seja um trabalho de formiguinha: milhares e milhares de pequenas experiências, mas que em níveis de base e da sociedade civil vão reconstruindo a vida humana, a comunidade e a família. Os temas da mulher, da família e dos jovens são muito importantes. Se mantivermos este trabalho durante anos, com linhas e estratégias claras, com perseverança em longo prazo penso que o objetivo

estratégico é uma reconstrução também do Estado, mas a partir da base. Acontece que se a Igreja fica ensimesmada ela perde toda sua relevância. Também é muito importante que a Igreja entenda o sentir religioso popular, por isto é que se diz que a Igreja optou pelos pobres e os pobres optaram pelos pentecostais. [Fizemos uma opção pelos Pobres], mas não soubemos entender suficientemente o mundo dos pobres.

B. F. - O que é que não se entendeu?

P. R. Não se entendeu a dimensão cultural, a dimensão religiosa, o que é o catolicismo popular, o que é esta dimensão mítica, carismática, festiva. Talvez se tenha feito uma opção pelos pobres demasiado ideológica, mas não soubemos entender o que os pobres pediam à Igreja. A Igreja deve potencializar mais toda esta dimensão religiosa, espiritual, carismática, com um sentido, supostamente, de reconstrução de vida.

B. F. - Um aspecto do diálogo com a religiosidade popular é o diálogo com as religiões indígenas. Existem avanços ou retrocessos neste campo?

P. R. - Em um primeiro momento insistiu-se muito em escutar as culturas, em discernir a presença de Deus nas culturas, não desde uma posição de conquista ou de evangelização, mas bem mais de diálogo entre duas culturas. Neste



aspecto, eu penso que se avançou muito. Mas atualmente o sistema econômico neoliberal está condenando os povos indígenas à morte. Então, em muitos lugares a Igreja já tem entrado em uma etapa posterior que é a defesa dos povos indígenas, porque muitas organizações os abandonaram. Na Guatemala, a Igreja muitas vezes é a única instituição que seguiu ao lado dos indígenas. Em muitos lugares, a Igreja tem se dedicado a acompanhar os povos indígenas na migração do campo para a cidade. No Chile, existe um milhão de mapuches em Santiago. A Igreja tem oferecido espaços, acompanhamento, ajuda, formação, que tem permitido manter um pouco sua identidade em função de não morrer. Esse trabalho, com altos e baixos, tem se mantido. E com os afro-americanos sucede algo parecido.

Alguém se lembrou: “Um dos primeiros presidentes do Brasil foi o Prudente de Moraes. Depois tivemos muitos presidentes imprudentes e imorais.”

B. F. - Como reconciliar o rechaço ao modelo neoliberal com a necessidade das pessoas de ganhar o seu sustento?

P. R. - Este é um problema bastante complexo. Têm sido feitas experiências pequenas de incentivar micro-empresas, de apoio a sindicatos, de luta a favor dos sem terra, acompanhamento a setores migrantes, deslocados. Há muitas experiências locais, concretas, que têm permitido a grupos concretos lograr sobreviverem. A Igreja tem incentivado processos de reconstrução econômica muito locais, mas não existe uma estratégia econômica de mais longo prazo. Muitos economistas dizem que se pode tomar muitas medidas dentro do sistema inclusive atual que permitam melhorar as condições de vida. Creio que é muito importante manter uma posição crítica ao sistema, mas que não impeça uma participação dentro do sistema para lograr coisas a curto prazo. Eu gosto de citar esta frase do Evangelho em que Jesus diz: “Não te peço que os retire do mundo, mas que os guarde do mal”. Estamos em uma economia de livre mercado, mas com uma dimensão ideológica, ética, espiritual que não responde ao livre mercado.

(Fonte: Notícias Aliadas)

Fala-se muito em combater a miséria e muito pouco em combater a desigualdade. No entanto a miséria não é senão uma das dimensões - a pior delas - da desigualdade.

DESIGUALDADE

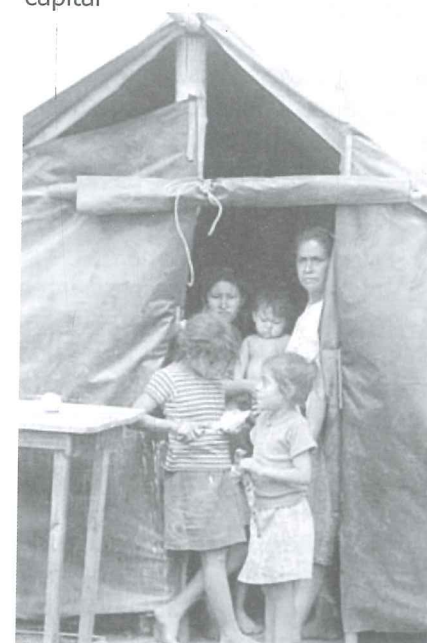
Plinio Arruda Sampaio*

O sistema econômico, social e político brasileiro, tal como está estruturado, é a causa primeira da desigualdade e, portanto, uma fábrica de miséria. Aqui o “trickle down effect”, tão proclamado pelos economistas liberais, funciona ao revés: a riqueza acumulada nas mãos dos ricos não transborda em cascata para os patamares inferiores da pirâmide social. Pelo contrário, é a riqueza gerada pelo trabalho dos mais pobres que, succionada para as camadas superiores, se concentra, despidoradamente, no exíguo patamar superior da pirâmide.

Com o dinheiro, concentram-se o prestígio social e o poder político em uma elite obcecada pela modernização de seus padrões de consumo e absolutamente indiferente à impossibilidade de universalizá-lo.

Sem oportunidade de obter emprego na economia formal, amplos contingentes da população

brasileira convertem-se, na asséptica terminologia neoliberal, em marginais, descartáveis, “prescindíveis”, “inincorporáveis”. Se morrerem todos, o PIB não será afetado nem as margens de lucro e índices de acumulação de capital



(salvo, talvez, o lucro das firmas que fornecem bens para os programas assistenciais do Estado). Obviamente, uma sociedade assim estruturada não pode transformar-se em uma nação desenvolvida. Quem o disse -e repetiu durante toda sua vida- foi o grande Celso Furtado, para quem a homogeneização social é uma condição necessária para superar o subdesenvolvimento: "A ninguém escapa que o considerável aumento de produtividade ocorrido no Brasil nos últimos quarenta anos operou consistentemente no sentido de concentrar os ativos em poucas mãos, enquanto grandes massas da população permaneciam destituídas do mínimo de equipamento pessoal com que se valorizar nos mercados. Como modificar o mecanismo que conduz a essa perversa distribuição de ativos, ao nível das coisas e das habilitações pessoais, é a grande interrogação. Não cabe dúvida de que aí reside o fator decisivo na

- ❖ Fazemos parte de uma classe social talvez ajustada ao atual estado de coisas. Estaremos inconscientemente sendo obstáculos às mudanças do modelo econômico para que haja menos desigualdades?
- ❖ Será possível reduzir desigualdades sem mudanças profundas? Por que sim ou não?
- ❖ O que nos inspira ao votar: conservar ou mudar o modelo econômico?

"Conclusões são chaves que fecham. Cada conclusão faz parar o pensamento. Palavras não-conclusivas deixam abertas as portas das gaiolas para que os pássaros voem de novo. Cada palavra deve ter reticências para o pensamento continuar seu vôo". (Rubem Alves)

determinação da distribuição primária da renda. E das forças do mercado não se pode esperar senão que assegurem a reprodução dessa situação, e mesmo alimentem a tendência à sua agravação" ("Brasil: A Construção Interrompida"). Quem considera inaceitável a absurda concentração da riqueza em nossa sociedade não deve perder-se em atalhos. Precisa atacar o problema frontalmente, exigindo reformas que desencadeiem um processo efetivo e rápido de redução das desigualdades. Trata-se de atacar as causas da desigualdade e da pobreza, o subemprego estrutural, único meio de criar mecanismos automáticos de distribuição de renda e reverter a tendência concentracionista do sistema econômico, social e político.

*Advogado e economista, presidente da Associação Brasileira da Reforma Agrária. Foi deputado federal (1985-91) e consultor da FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação).

Gestão empresarial



Max Gehringer*

Foi tudo muito rápido. A executiva bem-sucedida sentiu uma pontada no peito, vacilou, cambaleou. Deu um gemido e apagou. Quando voltou a abrir os olhos, viu-se diante de um imenso portal. Ainda meio zonzinha, atravessou-o e viu uma miríade de pessoas. Todas vestindo cândidos camisolões e caminhando despreocupadas. Sem entender bem o que estava acontecendo, a executiva bem-sucedida abordou um dos passantes :
- Enfermeiro, eu preciso voltar urgente para o meu escritório, porque tenho um meeting importantíssimo. Aliás, acho que fui trazida para cá por engano, porque meu convênio médico é classe A, e isto aqui está me parecendo mais um pronto-socorro. Onde é que nós estamos?

- No céu.
- No céu?...
- É. Tipo assim, o céu.
- Aquele com querubins voando e coisas do gênero?
- Certamente. Aqui todos vivemos em estado de gozo permanente. Apesar das óbvias evidências (nenhuma poluição, todo mundo sorrindo, ninguém usando telefone celular), a executiva bem-sucedida custou um pouco a admitir que havia mesmo apitado na curva. Tentou então o plano B: convencer o interlocutor, por meio das infalíveis técnicas avançadas de negociação, de que aquela situação era inaceitável. Porque, ponderou, dali a uma semana ela iria receber o bônus anual, além de estar fortemente cotada para assumir a posição de presidente do conselho de administração da empresa.

E foi aí que o interlocutor sugeriu:

- Talvez seja melhor você conversar com Pedro, o síndico.
- É? E como é que eu marco uma audiência? Ele tem secretária?
- Não, não. Basta estalar os dedos e ele aparece.
- Assim? (...)
- Pois não?

A executiva bem-sucedida quase desaba da nuvem. À sua frente, imponente, segurando uma chave que mais parecia um martelo, estava o próprio Pedro.

- Bom dia. Muito prazer. Belas sandálias. Eu sou uma executiva bem-sucedida e...

- Executiva... Que palavra estranha. De que século você veio?

- Do 21. O distinto vai me dizer que não conhece o termo "executiva"?

- Já ouvi falar. Mas não é do meu tempo.

Foi então que a executiva bem-sucedida teve um insight. A máxima autoridade ali no paraíso aparentava ser um zero à esquerda em modernas técnicas de gestão empresarial. Logo, com seu brilhante currículo tecnocrático, a executiva poderia rapidamente assumir uma posição hierárquica, por assim dizer, celestial ali na organização.

- Sabe, meu caro Pedro. Se você me permite, eu gostaria de lhe fazer uma proposta. Basta olhar para esse povo todo aí, só batendo papo e andando a toa, para perceber que aqui no Paraíso há enormes oportunidades para dar um *upgrade* na produtividade sistêmica.

- É mesmo?

- Pode acreditar, porque tenho PHD em reengenharia. Por exemplo, não vejo ninguém usando crachá. Como

é que a gente sabe quem é quem aqui, e quem faz o quê?

- Ah, não sabemos.

- *Headcount*, então, não deve constar em nenhum versículo, correto?

- Hã?

- Entendeu o meu ponto? Sem controle, há dispersão. E dispersão gera desmotivação. Com o tempo isto aqui vai acabar virando uma anarquia. Mas nós dois podemos consertar tudo isso rapidinho implementando um simples programa de *targets* individuais e avaliação de performance.

- Que interessante...

- Depois, mais no médio prazo, assim que os fundamentos estiverem sólidos e o pessoal começar a reclamar da pressão e a ficar estressado, a gente acalma a galera bolando um sistema de *stock option*, com uma campanha motivacional impactante, tipo: "O melhor céu da América Latina".

- Fantástico!

- É claro que, antes de tudo, precisaríamos de uma hierarquização de um organograma funcional, nada que dinâmicas de grupo e avaliações de perfis psicológicos não consigam resolver.

- Sim?

- Aí, contrataríamos uma consultoria especializada para nos ajudar a definir as estratégias operacionais e estabeleceríamos algumas metas factíveis de *leverage*, maximizando, dessa forma, o retorno do investimento do Grande Acionista... Ele existe, certo?

- Sobre todas as coisas.

- Ótimo. O passo seguinte seria partir para um *downsizing* progressivo, encontrar sinergias



high-tech, redigir manuais de procedimento, definir o marketing *mix* e investir no desenvolvimento de produtos alternativos de alto valor agregado. O mercado *telestérico* por exemplo, me parece extremamente atrativo.

- Incrível!

- É óbvio que, para conseguir tudo isso, nós dois teremos que nomear um *board* de altíssimo nível. Com um pacote de remuneração atraente, é claro. Coisa assim de salário de seis dígitos e todos os *fringe benefits* e mordomias de praxe. Porque, agora falando de colega para colega, tenho certeza de que você vai concordar comigo, Pedro. O desafio que temos pela frente vai resultar em um *turnaround* radical.

- Impressionante!

- Isso significa que podemos partir para a implementação?

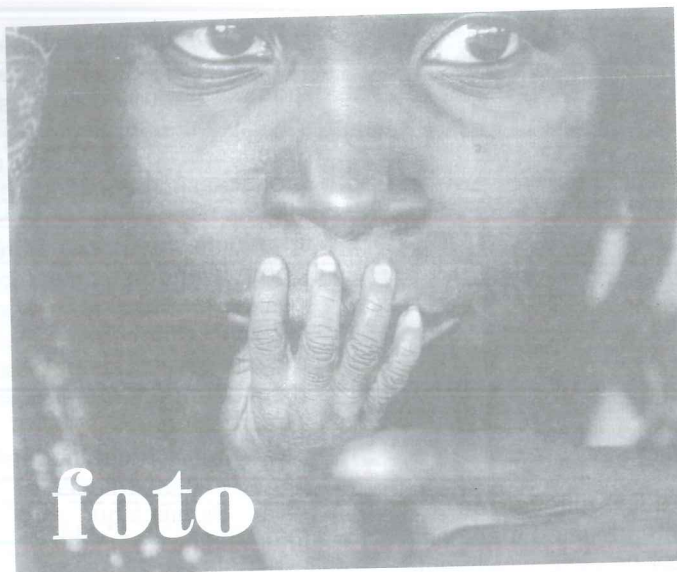
- Não. Significa que você terá um futuro brilhante... se for trabalhar com o nosso concorrente. Porque você acaba de descrever, exatamente, como funciona o Inferno...

**Publicado na revista Exame.*

- ❖ Alguém dentre nós já foi vítima dessa estrutura empresarial em que o empregado é uma peça impessoal descartável?
- ❖ Conhecemos executivos de empresas que se preocupam com a promoção humanística de seus funcionários? Caso sim: a empresa se beneficia?

Passatempo aritmético...

1. Quantas vezes por semana te apetece comer chocolate? (deve ser um número maior que 0 vezes e menos de 10 vezes)
2. Multiplica este número por 2 (para ser par)
3. Soma 5
4. Multiplica o resultado por 50 Usa a calculadora...
5. Se já fizeste anos em 2006 soma 1756. Se ainda não fizeste anos soma 1755.
6. Agora subtrai o ano em que nasceste (número de quatro dígitos). O resultado é um número de três dígitos. O primeiro dígito é o número de vezes que te apetece comer chocolate por semana. Os dois números seguintes são a tua idade...



A foto do canadense Finbarr O'Reilly, da agência de notícias britânica Reuters, mostra a mão de um filho faminto na boca da mãe, num centro de alimentação emergencial em Tahoua, no Níger, África. Ganhou em 10 de fevereiro deste ano, em Amsterdan, o cobiçado prêmio anual da World Press Photo. Foi escolhida entre 83.044 imagens de 4.448 profissionais de 122 países. "Essa imagem tem tudo: beleza, horror e desespero", disse James Colton, presidente do júri. (O GLOBO, 11/02/06).

fato

A África apresenta os mais graves índices de pobreza do planeta, as maiores taxas de incidência de Aids e número milionário de órfãos de pais vitimados pela doença. Guerras sangrentas e prolongadas por décadas produziram verdadeiros genocídios e legiões de adultos e crianças mutilados por minas mortíferas.

razão

O continente africano foi historicamente colonizado e espoliado de suas riquezas minerais por países do Primeiro Mundo. Os beneficiários dessa espoliação têm hoje a obrigação moral de socorrer as populações sacrificadas por sua ação colonizadora predatória.



Já se tornou rotineira a queixa que parece transparecer traços de uma evidência imediata: *"isto aconteceu por obra do destino, tinha que ser assim, que se há de fazer?"...*

Não é de hoje que a idéia do destino encontra-se ligada a fatos terríveis, sem qualquer explicação lógica ou possibilidade de que pudesse acontecer de outro modo. Assim, quando escutamos falar de "destino", ocorre logo na mente a sombria imagem de algo inflexível, pesando terrivelmente sobre a vida das pessoas, um drama de caráter inexorável...

Na mitologia grega, por exemplo, vemos as Moiras personificando a imagem do destino. Para Hesíodo, poeta grego do século VII a.C., as

Jorge Leão*

Moiras eram três divindades, irmãs, que simbolizavam o destino de cada ser humano, fixando a duração da vida desde o nascimento, mediante um fio que uma delas, Átropos, fiava, outra, Clotó, enrolava e a terceira, Láquesis, cortava, quando chegava a hora da morte. Com isso, a ação das Moiras impõe a visão de mundo pessimista, própria dos gregos antigos. O indivíduo apenas cumpria a lei inexorável, tornando-se honrado por obedecer aos desígnios misteriosos dos deuses e de suas arbitrárias determinações.

Sabe-se, contudo, que os heróis trágicos, narrados pelos textos das tragédias gregas no século V a.C., surgem para quebrar a norma prefixada pela força inelutável do destino. As imagens arquetípicas evocadas por suas aventuras nos remetem ao drama de sucumbir ao destino, lutando de modo

destemido, pela ação oriunda da vontade do herói. Como no caso de Édipo, que enfrenta o drama de sua tragédia pessoal mediante a busca da verdade sobre si mesmo e de sua família. Por sua coragem e determinação, o herói torna-se um modelo de comportamento em muitas tradições míticas e ainda hoje povoa o inconsciente coletivo de muitas culturas, motivando atitudes de bravura e vitalidade na busca por um ideal.

Mas, e nos dias de hoje, o que poderia significar o destino? A idéia de uma ordem fixa em todas as coisas, mexe apenas e tão somente com a imaginação humana?

Reconhecendo a sua atuação, nega-se a liberdade humana? E ainda, que modelo de sociedade e de humanidade é possível relacionar o determinismo da força do destino?

Perguntas como essas parecem encontrar eco quando algo de ruim acontece a alguém. É quando as mãos são erguidas ao céu, numa súplica sofrida, clamando por uma explicação, ou resposta divina, na esperança de, ao menos, minimizar a dor da perda, da ausência ou mesmo a indiferença gerada pelo

desenlace amoroso frustrado pelo desencanto...

Então, como escapar deste tormento? Ora, se a ação é inseparável de uma reação, pela lei da causalidade, nossa maldade é uma decorrência lógica de nossa escravidão ao aparelhamento poderoso do ego. Com isso, não queremos aqui justificar a necessidade do mal, mas compreender que as relações sociais são decorrentes da hierarquia de valores assumidas ao longo de nossa passagem pela existência. Se vemos miséria, desigualdade social, fome, perpetuando uma sociedade classista e materialista, obviamente que o nascimento destes males é originado por nossas escolhas e frutos de nossas relações de poder. É, pois, impensável a imagem de um deus que lembra de uns poucos e esquece da multidão, que padece sem comida, habitação, escola, emprego, dignidade. Do ponto de vista de uma ética das relações, seria ilógico pensar que Deus não existe, porque a bomba atômica existe...

A crueldade da violência de alguém que tira a vida de seus próprios familiares é decorrente de um profundo desequilíbrio existencial. É chegada a hora de refutarmos a pseudo-religião que inventa deuses e demônios para nos livrar de nossas responsabilidades morais. Dizer, por exemplo, que o acusado do crime estava "sob a ação de um demônio", ou por que "tinha que ser assim, foi o destino daquelas infelizes vítimas", constitui uma

estratégia perversa para fixar na mente de milhares de pessoas a ideologia do domínio sutil, da perversão psico-social que atua cotidianamente sob o véu da acomodação pelo medo e pela submissão ao poder.

Portanto, devemos saber diferenciar fatalidades, como um deslize numa

casca de banana, que não vimos à nossa frente, das estratégias de domínio que visam anular a responsabilidade de cada um diante da vida, que é o fruto pertencente ao plantio da liberdade, inseparável do tribunal da consciência em todos nós, senhores de nosso destino.

* Professor de Filosofia do Cefet-Ma

LIVROS

*Conheça os livros do
MFC - Movimento Familiar Cristão
para jovens e preparação ao casamento.*

Pedidos à Livraria do MFC
Rua Barão de Santa Helena, 68 CEP 36010-520 Juiz de Fora - MG
Tel. (32) 3214-2952 - E-mail: livraria.mfc@acessa.com



"Cuidado Frágil" Subsídios para quem trabalha com grupos de jovens e preparação ao casamento. Os temas mais requeridos.

"Amor e Casamento" Livro para os que vão se casar. Os temas mais discutidos na preparação ao casamento. Ilustrações e gráficos.

"Preto no Branco" Temário para grupos de jovens. Esquemas para sociodramas a cargo de jovens, como motivação para discussão.

A questão das relações entre ética e política se transformou na questão número um do debate nacional a partir das denúncias de corrupção no ano passado.

ÉTICA E POLÍTICA

Manfredo Araújo

Este debate tem certamente méritos e é de fundamental importância para a vida nacional, mas é marcado por uma visão muito unilateral do fenômeno político. Ele dá a entender que tudo seria maravilhoso se nossos governantes possuísem um conjunto de virtudes que atestassem seu bom caráter do qual dependeriam a paz e a ordem social.

Perde-se assim uma das intuições fundamentais do pensamento político ocidental desde seus primórdios: o que é decisivo para a ética na política não são simplesmente as virtudes privadas dos governantes, mas o ordenamento institucional, porque é dele que depende se os cidadãos têm acesso ou não a seus direitos universais.

Por esta razão, a questão da corrupção não pode ser reduzida a um problema específico da esfera individual. Desde os gregos, que inauguraram o pensamento político

ocidental, falar de ética na política não significava apenas uma consideração crítica frente às ações privadas dos cidadãos, mas sobretudo da configuração das relações sociais segundo princípios de justiça.

A partir desta ótica falar de ética na política significa hoje para nós compreender que é tarefa do Estado garantir a participação popular na gestão da coisa pública através da criação de mecanismos permanentes de participação direta da população e da constituição de comitês populares para acompanhar e fiscalizar as atividades e as obras do Estado. Só assim será possível assegurar e ampliar os direitos sociais e enfrentar a questão básica que nos marca secularmente, a questão da desigualdade e da exclusão social. Isso implicaria uma reversão das prioridades no que diz respeito às políticas públicas, passando para o primeiro plano as que visam assegurar oportunidades de emprego e salário justo e os meios necessários para uma vida

digna entre as quais em nossa situação específica se vão situar o acesso à terra e ao solo urbano como também moradia e saneamento para todos. Nesta perspectiva se revela como intrinsecamente corrupta uma política macroeconômica que transfere para os banqueiros a riqueza produzida por toda a nação e que impede a universalização do acesso a estes meios.

Claro que neste contexto é muito importante ter presente de que a corrupção individual e social não começou no atual governo, mas lamentavelmente se transformou num elemento estrutural do



Graves desigualdades persistem. O direito à terra e à moradia digna ainda é negado.

exercício do poder e da cultura política que nos marca. Por isto, não espanta e nem causa indignação a muitos o fato de que nossos partidos políticos não tenham defendido no parlamento de modo consistente as reformas e as políticas públicas que tornariam o país menos vulnerável seja à corrupção individual seja à continuidade de uma configuração iníqua da vida coletiva, porque marcada por um conjunto de instituições que sustentam as diferentes formas de exploração e de degradação da vida humana.

Para além das virtudes pessoais dos governantes, o que realmente pode garantir a ética na política é a existência de instituições sólidas e de mecanismos de administração transparente, que sejam capazes de garantir os direitos universais do cidadão assim também como a existência de meios de comunicação livres, independentes, e de organismos de controle social que acompanhem o exercício do governo.

O grande desafio do momento é que, sejamos capazes de ir além de uma crítica moralizante à corrupção pessoal, que facilmente é acompanhada de enorme hipocrisia, e nos empenhemos com seriedade numa crítica cívica às instituições e às políticas públicas.

*Filósofo, professor da Universidade Federal do Ceará/UFC.



O trabalho infantil

Patrus Ananias*

A integração do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti) com o Bolsa Família é uma decisão tomada pelo nosso governo em comunhão com todo o setor de Assistência Social do país depois de mais de dois anos de debates. Esta decisão, no entanto, tornou-se recentemente alvo de intensa polêmica em nossa sociedade, cujo questionamento pretendo aqui esclarecer.

O programa Bolsa Família é o eixo unificador de nossas políticas sociais, base ampla da rede de proteção social que estamos construindo no país e que concilia ações emergenciais e estruturantes. Nossa percepção mostra que, sendo o problema da fome e da pobreza estrutural, precisa de um

tratamento estratégico que permita a visualização de todas as suas dimensões. Por isso, ele passa hoje por alterações em sua estrutura que precisam ser consideradas como real mudança de paradigma.

Para atender a essa orientação, o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) está consolidando e fortalecendo sua proposta de implementar a integração e a transversalidade das políticas sociais, o que classificamos como um dos avanços qualitativos que conquistamos nesses dois anos de existência, completados no dia 24 de janeiro. A primeira grande integração formal nesse sentido tem sido o trabalho de unificação do Bolsa Família com o Peti, uma estratégia discutida há mais de dois anos, como já disse, pelo governo com entidades e atores envolvidos em Assistência Social no Brasil. O debate foi extenso, e mobilizou mais de 300 mil pessoas, num processo democrático, republicano e

suprapartidário. A integração se insere nas mais modernas teorias de política pública voltada para a promoção social, que aponta para a perspectiva das ações intersetoriais integradas que maximizam recursos e criam sinergias entre os programas.

Participaram dessa discussão conferências e conselhos de Assistência Social e de Crianças e Adolescentes; secretarias municipais e estaduais de Assistência Social; comissões bi e tripartites; lideranças políticas; Fórum Nacional de Erradicação do Trabalho Infantil; Comissão Nacional de Erradicação do Trabalho Infantil (Conaet); Andi (Agência Nacional de Notícias da Infância); Ministério Público do Trabalho e entidades internacionais como a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e o Órgão das Nações Unidas para a Infância e a Adolescência (Unicef).

Antes mesmo de o governo promover esse debate, o assunto estava na pauta do setor: parecer de uma missão do Banco Mundial, de 16 de março de 1999, já era favorável à integração do Peti com o programa de transferência de renda vigente.

O Bolsa Família é um programa de transferência de renda com condicionalidades. Ele unificou e ampliou, com êxito, os quatro programas anteriores - Bolsa Escola, Bolsa Alimentação, Cartão Alimentação e Auxílio-Gás. Mais ambicioso programa de transferência de renda da história do país, tem como objetivo combater a fome e a miséria, mas também promover a emancipação das famílias mais pobres. Atende hoje 8,7 milhões de famílias e está

presente em todos os municípios do Brasil.

O programa destina de R\$ 15 a R\$ 95 às famílias com renda *per capita* de até R\$ 100 mensais, mas condiciona essa transferência ao cumprimento de exigências pelos pais: as crianças têm que freqüentar a escola e manter um acompanhamento da saúde de forma regular. O programa prevê ainda o desenvolvimento de ações complementares - as chamadas portas de saída - através de políticas de geração de trabalho e renda, inclusão produtiva e capacitação profissional, que possibilitam a progressiva emancipação e auto-suficiência das famílias.

O Peti transfere às famílias R\$ 25 por criança que mora em área rural e R\$ 40 para as que moram em área urbana, e destina às prefeituras recursos para o desenvolvimento das atividades sócio-educativas e de convivência - conhecidas como jornada ampliada - que efetivamente ocupam o resto do tempo das crianças depois da escola e propiciam a oportunidade para desenvolvimento de suas potencialidades de forma integral.

Os dois programas já agem em sinergia, pois garantem renda básica que confere às famílias os direitos à alimentação, educação e saúde.

Também influem na preservação dos vínculos familiares e estimulam

a busca das ações complementares, como os programas de qualificação profissional e geração de trabalho e renda. Ao retirar a criança do trabalho precoce, o Peti garante seu pleno desenvolvimento em todos os níveis: físico, emocional e intelectual. Integrado ao Bolsa Família, ele se transforma, na prática, em mais uma das condicionalidades para a transferência de renda.

A integração dos dois programas não trará nenhum prejuízo ao Peti, que passará a contar com mais recursos.

Isso porque os R\$ 900 milhões do programa que estão migrando para o Bolsa Família servirão exclusivamente para o pagamento das bolsas a que todas as famílias do Peti têm direito.

Com isso, podemos aumentar a dotação para as prefeituras realizarem a jornada ampliada: serão R\$ 375 milhões em 2006, contra R\$ 204 milhões em 2005, com perspectivas de ampliação orçamentária ao longo do ano. Hoje o Peti atende aproximadamente 1 milhão de crianças e adolescentes em situação de trabalho precoce e nossa meta é receber mais 2,2 milhões, atingindo o total da demanda prevista de 3,2 milhões dos brasileiros de até 16 anos.

Hoje

A coisa mais importante que você possui é o dia de hoje. O dia de hoje, mesmo que esteja espremido entre o ontem e o amanhã, deve merecer sua total prioridade. Só hoje você pode ser feliz; o amanhã ainda não chegou e já é muito tarde para ter sido feliz ontem. A grande maioria das nossas dores são fruto dos restos de ontem ou dos medos de amanhã. Viva o dia de hoje com sabedoria: decida como irá alimentar seus minutos, o seu trabalho, o seu descanso e faça tudo que seja possível para que o dia de hoje seja seu, já que ele lhe foi dado tão generosamente. Respeite-o de tal maneira que, quando for dormir, você possa dizer: hoje eu fui capaz de viver e amar.

Um aspecto importante é que não haverá nenhum prejuízo para as famílias cujas características não corresponderem aos critérios do Bolsa Família. São os casos das que, pelo Peti, têm renda maior do que teriam pelo Bolsa Família, ou ainda as com renda superior àquela considerada para entrar neste último.

A regulamentação proposta pelo MDS possibilita que, nesses casos, as famílias do Peti continuem recebendo de acordo com os critérios do programa. Para isso, ficou reservada uma verba específica de R\$ 50 milhões, do Fundo Nacional de Assistência Social.

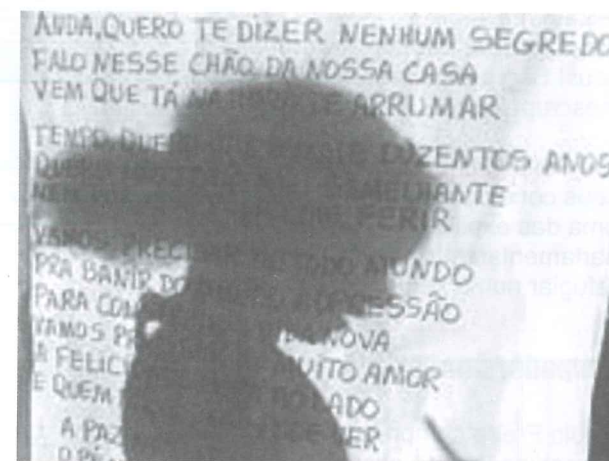
Por fim, a integração entre os dois programas também nos permitirá um controle melhor dos recursos, com a ampliação do cadastro único, evitando possíveis sobreposições e duplicidades de pagamentos, uma vez que as bolsas do Peti chegarão às famílias por meio do cartão do Bolsa Família.

** Ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.
Publicado no Jornal VALOR ECONOMICO em 24/02/2006.*

“A alfabetização e conscientização do Povo condicionam o exercício de sua Cidadania”.

Alfabetização & Conscientização

Frei Cristóvão Pereira ofm.*



Quase que não carecia, mas é bom lembrar: sem alfabetização e conscientização não há Democracia, mas um arremedo do que por Democracia se entende. Nela o cidadão só é lembrado, convocado como cidadão em período eleitoral e na hora de votar!

Democracia Liberal: Oligarquia.

Poderíamos, a bem da verdade, denominar tal regime político de Democracia Liberal, onde os direitos fundamentais do cidadão são-lhe assegurados teórica e abstratamente pela Constituição, pela Lei. No real do cotidiano da vida, as estruturas assimétricas de como a Sociedade está ordenada, lhe nega qualquer participação consciente e eficaz.

Seria melhor chamar esta situação política de Oligarquia: governo de poucos, dos endinheirados. No Brasil são umas 20.000 famílias. O poder aquisitivo, sua renda lhes dá a possibilidade de votar conscientemente, lutar por seus direitos enquanto cidadãos e até mesmo filiar-se a um Partido, disputar um cargo público.

Alfabetizar: desenvolver a consciência crítica

"Tenho pouca leitura, o senhor há de compreender!"

"Não sei esparramar as letras, quanto mais ajuntar!"

O povo simples sofre desse complexo de inferioridade. Se bem que em termos de cultura enquanto sabença é de uma riqueza sem par.

O analfabetismo, politicamente falando, é ocasião propícia para usar e abusar de nossa gente. Afinal as aperturas para garantir a sobrevivência pesam mais, pouco lhe importando partido, projeto de governo ou se tal candidato, tal partido poderiam ajeitar melhor as coisas para ele e para os seus! São presas, vítimas fáceis nas mãos de políticos desonestos e inescrupulosos.

Em Política chamamos isso de manipulação de consciências. Do abuso de seus condicionamentos sócio-econômicos, de sua pobreza enfim. Estaria aí uma das explicações de tanta corrupção, de tanto cinismo de nossos parlamentares, de nossos "homens públicos"! Assim também conseguem se refugiar numa pseudo impunibilidade.

Empoderamento pessoal

Paulo Freire compreendia a alfabetização como um processo de aprendizagem no exercício da cidadania. Um processo de empoderamento: a pessoa torna-se capaz de ler a realidade; de compreender como a Sociedade está estruturada

A pessoa descobre, adquire poder de ser ela mesma, dona de seu nariz, construtora de sua vida, de sua história. Descobre-se cidadã. Segundo esta pedagogia, aprender a ler é tornar-se capaz de ler a realidade e seus mecanismos ordenadores, para transformá-los. É libertar a pessoa de uma "consciência ingênua" ou "alienada". Com isso a margem de corrupção, de impunidade vai-se encurtando. O uso e abuso de todo e qualquer poder, inclusive religioso, vai perdendo gás.

Um povo alfabetizado é um povo culto, democrático, ético e republicano.

* Correspondência: freicristovao@gmail.com



Solidão ansiedade vulnerabilidade

o normal e o patológico

Mario Quilici*

Nossos clínicos começaram a popularizar a idéia de que as pessoas que têm necessidade de estar com o outro e precisam dele para sua sobrevivência são doentes. Atualmente, pessoa saudável é aquela que gerencia sua vida e mantém distância segura dos demais. Com essas "qualidades", poderia funcionar como ser humano "confiável", modelo de personalidade de sucesso.

Enquanto isso, o indivíduo emocionalmente dependente, com todas suas angústias e receios, será diagnosticado como doente, pois, está à mercê das "compulsões", o que o impele a entrar em relações doentias. Amar o outro e depender desse amor é uma doença perigosa.

Ter medo do abandono e da solidão será uma preocupação irracional?

Eu responderia essa questão de uma maneira diferente de muitos de nossos colegas das modernas correntes de psicologia.

Creio que é completamente normal que as pessoas fiquem preocupadas e transtornadas quando se sentem abandonadas numa sociedade onde é extremamente difícil adquirir alimentação afetiva e apoios essenciais para a saúde psicológica.

Para começo de conversa, em nossa atual cultura, amar é ter sido pego num ato de fraqueza e fragilidade, que não condiz com os padrões narcísicos de força, independência e invulnerabilidade. (Veja que os grandes ídolos dos quadrinhos e filmes não são casados e agem frequentemente sozinhos). Mostrar seus sentimentos de amor é estar em desvantagem, expor-se ao risco da humilhação. Quem ama é o perdedor.

Transtorno de Ansiedade?

É verdade que a preocupação excessiva com o medo de ser abandonado se torna auto-destrutiva,

porque o desespero elimina a possibilidade de encontrar relações que sejam mais reais e verdadeiramente afetivas. Olhando o outro lado da moeda, percebemos que também é verdade que quando avaliamos nossas opções, nós o fazemos numa sociedade caracterizada por competição, conflitos e culpa, sentimentos que levam as pessoas a agir de modos danosos umas com as outras.

Essa dinâmica cultural não só arruína a vida familiar, mas também as relações pessoais. Assim, antes de diagnosticarmos alguém com este ou com aquele Transtorno de Ansiedade, que surge diante do abandono físico ou emocional, deveríamos tentar saber se estes sintomas não estão baseados na realidade.

A cura para o problema não é transformar esses indivíduos "doentes" em indivíduos "saudáveis", sendo que saudável significaria bastar-se por si só. Isso de fato é uma alucinação. Este tipo de "padrão" ideal emerge da tradição do egoísmo e tem muito pouco a ver com a realidade humana básica.

Uma pessoa saudável se permite ser vulnerável

Nossa essência é estar sempre em relação com os outros. O ser humano saudável rejeita qualquer possibilidade de viver separado dos demais. A noção de uma vida que pode ser vivida de forma separada dos outros humanos é que é doentia.

Desde nossa primeira respiração, precisamos uns dos outros. Somos mutuamente interdependentes, e a patologia (doença) ocorre, primeiramente, quando a mãe não conseguiu criar o vínculo necessário para assegurar a seu bebê que ele é amado e assim será protegido. O próprio desenvolvimento cerebral fica prejudicado quando o estabelecimento do vínculo falha. As pessoas, para negar a vergonha desse fracasso no vínculo primário, se convencem de que podem ser autônomas, bastarem-se por si só. Isso quer dizer, não querem mais incorrer num outro fracasso que seria mortal para a personalidade.

Fomos ensinados a crer que o egoísmo é verdade

O que está enlouquecendo a maioria das pessoas da nossa sociedade é a idéia de que "temos que nos bastar por nós mesmos" e assim tendemos a negar nossas próprias necessidades de amor. Nós interpretamos nossa dependência como problema. Por isso, acabamos por aprender a olhar os outros como objetos de manipulação e controle.

- ❖ *Como encaramos as questões abordadas neste artigo? Concordamos com o autor?*
- ❖ *Já experimentamos a solidão e tempos de ansiedade profunda? Como nos sentimos?*
- ❖ *Pessoas que se dedicam a outras necessitadas de apoio serão mais ou menos propensas a ansiedade e sentimento de abandono? Por que sim ou por que não?*

Muitas pessoas se sentem orgulhosas de agirem assim. Talvez o que elas não percebiam é que essa é a forma de corromper sua essência humana. Na medida em que agem assim, sentem-se infelizes e vazias. Esse estado acaba por facilitar o surgimento de doenças físicas e o narcisismo, o qual acentua o processo de autocentrar-se e, portanto, a solidão.

O mundo é um corpo do qual somos uma célula. Uma célula tem seus processos individuais, mas também depende do todo. Não existe o mundo e eu. Existe o mundo onde o eu se faz e, portanto, só podemos nos pensar a partir do mundo que nos cerca. *O mundo do futuro deverá ser reconstruído tendo como base a solidariedade humana.*

Para isso é necessário mudar coisas em nós mesmos. Boa sorte na sua empreitada de fazer um mundo melhor!

**Psicanalista e pesquisador.
(Resumido por Deonira La Rosa)*

*"Deus criou o homem antes da mulher para não ter que ouvir palpites."
(Machista desconhecido)*

Audiovisuais em DVD

O MFC e o Instituto da Família INFA, estão produzindo programas em DVD.

"Bate-papos" provocativos sobre questões que afetam a família e a sociedade.

Para serem usados

- em reuniões de equipes e grupos
- em reuniões de pais e professores nas escolas

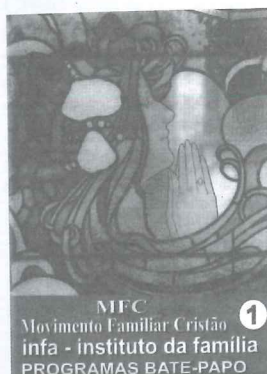
- em canais de televisão, rádios e TVs Comunitárias
- em encontros de noivos ou de casais
- em múltiplos outros eventos.

Em cada DVD, sete ou oito programas de 15 minutos.

Para encomendar:

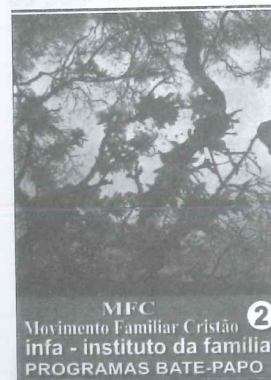
Telefone: (21) 2567-9899 ou por e-mail: infatijuca@ig.com.br

DVDs já disponíveis:



DVD - 01

- 1 - "DROGAS: DEPENDÊNCIA E RECUPERAÇÃO"
- 2 - "DROGAS: MITOS E PRECONCEITOS"
- 3 - "VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA"
- 4 - "FAMÍLIA NA ESCOLA"
- 5 - "DIÁLOGO & DIÁLOGO"
- 6 - "VIOLÊNCIA E INSEGURANÇA"
- 7 - "SEPARAÇÕES E DIVÓRCIO"



DVD - 02

- 1 - "DROGAS DESAFIO PARA O EDUCADOR"
- 2 - "DROGAS: DA NEGAÇÃO À ONIPOTÊNCIA"
- 3 - "CRIANÇA AGRESSIVAS"
- 4 - "APRENDIZAGEM BLOQUEADA"
- 5 - "CUIDAR DA VOZ"
- 6 - "MOTRICIDADE ORAL"
- 7 - "A FAMÍLIA MODERNA"
- 8 - "SEXUALIDADE"



A galinha talvez seja a primeira ave a ter sido domesticada há cerca de 12 mil anos quando o ser humano começou a ficar sedentário. Desde então as galinhas têm um destino sinistro: raramente morrem de morte natural. São mortas para o consumo humano. Na perspectiva delas, a vida é simplesmente uma tragédia.

Normalmente as galinhas eram e são criadas ao ar livre, perambulando ao redor das casas. Ainda hoje as "galinhas

caipiras" são preferidas por serem muito mais saudáveis. Modernamente com a sociedade da produção industrial, elas foram transformadas em máquinas para produzir carne e ovos. Fechadas, às milhares, em aviários nos quais em cada metro quadrado são criadas de dez a doze, enganadas pela iluminação que lhes tira a percepção da noite, alimentadas por promotores de crescimento e de antibióticos para crescerem até um ponto comercialmente ideal, quarenta dias, elas são submetidas a grande padecimento.

Se Gandhi, o Dalai Lama ou qualquer pessoa sensível ao sofrimento visitassem um desses

currais aviários, seguramente se indignariam e até chorariam de compaixão. Mas nossa espécie se especializou em submeter impiedosamente todas as demais para tirar proveito delas mesmo que implique grande sofrimento.

Sabemos hoje que todos os seres vivos formamos uma única comunidade de vida, pois somos portadores do mesmo alfabeto genético - as quatro bases fosfatadas e os 20 aminoácidos. Por que então impor este padecimento na forma de crueldade para com nossos familiares e parentes naturais?

Depois de séculos de violência, as galinhas agora estão nos dando o troco. É a vingança das galinhas. Ela vem sob a forma da gripe aviária que está atingindo outros seres vivos e pode alcançar também os humanos. É o famoso vírus H5N1. Vírus aviários sempre existiram em formas não letais. Agora este H5N1 se revela uma cepa patogênica. Se sofrer mutações que o torna capaz de transmitir-se aos seres humanos, ele pode se replicar loucamente e matar entre 150 milhões a um bilhão de pessoas, consoante previsões científicas. Surgido pela primeira vez em 1997 em Hong-Kong, agora atingiu quase metade do mundo. Não existe um antídoto que o elimine, apenas possui efeito limitante. É o Tamiflu que não age

profilaticamente, apenas 18 horas após a infecção. Foi desenvolvido a partir de um ácido extraído de vagens de anis estrelado encontradas em algumas províncias da China. A companhia farmacêutica norte-americana Gilead Sciences da qual o Secretário da Defesa do Governo Bush, D. Rumsfeld, foi presidente e é sócio, desenvolveu o antivírus Tamiflu. Cedeu a licença exclusiva de produção a Roche suíça que está lucrando milhões de dólares e reluta em subceder licenças de produção por causa da não anuência dos acionistas.

Hoje é sabido: a origem da gripe não provém de galinhas criadas ao ar livre, mas das práticas avícolas industriais e pela utilização de "subprodutos" da criação avícola como ração industrial. A Fundação BirdLife demonstrou que o padrão de focos da gripe segue as rotas das estradas e das vias férreas e não as rotas dos vôos de aves migratórias. A gripe é consequência do manejo cruel que nós seres humanos temos feito com as galinhas confinadas. Ai está o nicho de reprodução do vírus. É uma doença sistêmica. Ela demanda uma forma de relação com os seres vivos que não implique crueldade mas racionalidade e compaixão.

* Teólogo. Membro da Comissão da Carta da Terra. Publicado por ADITAL.

"Proteja a sua ignorância. Se você a perder, nunca mais vai conseguir recuperá-la"...

(Autor desconhecido).



População é refém

A guerrilha urbana em São Paulo

2006. Dia das Mães. Os bandidos atacam a polícia, matam e são mortos. Em 48 horas já há 70 vítimas fatais e dezenas de feridos. São 41 policiais e muitos civis assassinados. Um bombeiro que há dez anos se dedicava a salvar vidas é estupidamente assassinado na frente do quartel. Rebeliões explodem ao mesmo tempo em dezenas de penitenciárias do Estado. Tudo coordenado.

A polícia perde o controle da situação. Dias seguintes, prossegue a guerra. Chegam à centena os mortos. Dezenas de ônibus incendiados. O Iraque é ali. As cenas são tragicamente cinematográficas.

A reação policial vem feroz. Numa madrugada 33 pretensos bandidos são mortos. O coronel garante:

"Vamos matar de 10 a 15 bandidos por dia, dentro da lei". Ninguém entende como é possível planejar o extermínio legal. No sexto dia, já são 107 bandidos mortos.

A população está apavorada. Pede mais polícia. Quer Exército nas ruas. Os ânimos estão exaltados, querem enfrentamento. No quarto dia, o governador diz que tudo está sob controle. Revela-se que houve um acordo com os bandidos presos, que comandam as ações com celulares de dentro da cadeia. As rebeliões param ao mesmo tempo, comprovando o acordo.

Os presos rebelados têm advogado. Ele diz: "Basta parar os maus tratos, a super-hiper lotação nas celas, comida comível, garantia de que as famílias estão bem, com as crianças na escola e a saúde atendida. Só querem isso". E televisões para assistir à Copa do Mundo...

Autoridades explicam que para abrigar os 370 mil presos do país falta construir 130 grandes

penitenciárias. Quando? Fotografias de prisões apinhadas de presos amontoados são publicadas há anos. Parecem animais em engradados a caminho do matadouro. Confinamento durante meses e anos nessas condições, os ódios se acumulam. Homens que já não eram exemplos de cordialidade ao chegar, vão-se transformando em monstros. Basta pensar três minutos para se ter a certeza de tratar-se de um barril de pólvora. Estamos sentados em cima. Deixamos o tempo passar. Quando explode, a falsa surpresa: a surpresa de fato seria não acontecer nada.

O que ficou provado: o crime organizado tem um potencial e comando capaz de parar a maior

cidade do Brasil, já que não foi desmantelado. O governo é obrigado a fazer acordo com bandidos para que as rebeliões e guerrilha não aconteçam. Trata-se de uma rendição.

Então: queremos confinar criminosos em usinas de monstros que mais cedo ou mais tarde sairão libertos carregados de ódio, sem chances de ressocialização? Ou acreditamos na possibilidade de recuperação de presos, construindo penitenciárias seguras em que os presos possam estudar, trabalhar e viver como gente, para voltar à sociedade em condições de reintegrar-se à vida cidadã, depois de purgadas suas culpas? Usinas de recuperação de pessoas humanas ou usinas de monstros?

Rubem Alves

Sabedoria, Paz, Tempo

(frases, idéias, sensações...)

Nos poemas sobre o nascimento de Jesus há a estória dos Magos. O texto não diz que eram reis. Eram sábios, astrólogos: olhavam para cima e observavam os astros no céu para aprender a sabedoria da terra. Pois a história tem um fim surpreendente: sua longa jornada em busca da sabedoria seguindo a luz da estrela termina quando eles olham para uma criança deitada numa manjedoura. Na criança dormia o divino sentido da vida.

Mais belos que os descobrimentos de origens são os descobrimentos de destinos. Os descobrimentos de origens olham para o passado. Os descobrimentos de destinos olham para o futuro.

Quem tenta ajudar uma borboleta a sair do casulo a mata. Quem tenta ajudar um broto a sair da semente a destrói. Há certas coisas que não podem ser ajudadas. Têm que acontecer de dentro para fora.

Questão de bom senso



É impressionante como o ser humano do terceiro milênio ainda faz coisas que um mínimo de bom senso desaprovava. É claro que não se trata da maioria, mas de uma parcela de pessoas sem compromisso com o bom, com o útil e com o belo.

Estamos falando dessa moda que surgiu nos Estados Unidos e que algumas emissoras de televisão brasileiras resolveram importar. Trata-se da exposição de um grupo de pessoas escolhidas para conviver juntas numa casa, por determinado tempo, onde são observadas pelos telespectadores, graças às câmeras que registram tudo, 24 horas por dia.

Que existem pessoas que se comprazem em expor a intimidade

a terceiros, não há dúvida. Também não há dúvida de que existem aqueles que gostam de bisbilhotar a vida alheia. São pessoas que sofrem de distúrbios psicológicos e como tal devem ser tratadas. Mas daí a se expor diante das câmeras para a população de um país ou ficar diante da tv observando as momices de alguns desocupados, é falta de bom senso ou do que fazer.

Do ponto de vista das emissoras é de se pensar se não há nada de

bom, de útil ou de instrutivo para se veicular nesses horários. E da parte dos espectadores, é de se questionar se não têm mais nada a fazer que possa dar utilidade às suas horas. Conviver mais com os filhos, caminhar ao ar livre, ler um bom livro, fazer uma visita a um amigo, a uma pessoa enferma, a uma instituição de caridade.

A grande responsável por esses programas de má qualidade é a demanda. É a audiência. É o cidadão que permite que esse lixo seja despejado em seu lar, em sua sala de televisão. Isso nos parece muito lógico: se não houvesse o prestígio da população, não haveria interesse por parte das emissoras em veicular, já que divulgam o que o público pede.

Século XXI... e ainda se perde tempo com coisas tão inúteis e até prejudiciais...

Se os espectadores que assistem esse tipo de programa pudessem avaliar a importância do tempo que Deus lhes concede na presente existência, certamente não o desperdiçariam com tolices dessa natureza.

Dizemos que é prejudicial porque assistir televisão, sem critérios rígidos de seleção, pode entorpecer os sentidos, prejudicar a criatividade, a capacidade de conversar, de conviver. Ademais, esse tipo de programação cria a ilusão de que se pode penetrar a intimidade daquelas pessoas

enclausuradas, e a de que se pode preencher o vazio interior e superar as próprias frustrações, convivendo com um grupo de estranhos. É uma grande ilusão, pois os próprios participantes dessas casas de clausura admitem que é impossível ser verdadeiros diante das câmeras. Dessa forma, uns fazem de conta que expõem a intimidade, e outros fazem de conta que acreditam...

Pense nisso e não ligue a televisão apenas porque ela está lá. Ligue-a somente quando houver algum programa que você realmente queira ver, que lhe acrescente algo de bom, de belo, de útil, de instrutivo.

Aqueles que participam desse "faz-de-conta" têm o interesse financeiro, pois há um prêmio em jogo...

As emissoras querem faturar, numa eterna guerra pela primeira posição nas pesquisas... E você, telespectador? Se todas as pessoas usassem o bom senso antes de acionar o controle remoto da TV, selecionando as boas programações, as emissoras não colocariam no ar programas de má qualidade, inúteis ou prejudiciais.

Assim como o voto é uma arma poderosa nas mãos do eleitor, o controle remoto é a única arma que poderá mudar essa triste realidade, e promover uma mudança na cultura das telinhas. Pense nisso, e faça a sua parte!

(Texto do programa "Momento de Reflexão")

Uma pedagogia nova para uma sociedade nova

Metodologias participativas



(Resumo de trabalho elaborado por Solange Nogueira, pedagoga. Extraído do livro "O Assunto é Casamento", editado pelo Movimento Familiar Cristão).

Metodologia: "quando os caminhos apontam para as metas propostas".

Entendemos a metodologia como uma mediação - ou como os caminhos utilizados no sentido de aproximar os resultados dos objetivos traçados anteriormente. O método deve ser o mais possível impregnado dos fundamentos que norteiam e dão sentido àqueles objetivos. Nunca é demais repetir que os meios não são neutros.

A metodologia dos instrumentos de ação apostólica da Igreja deve considerar que eles têm que ser evangelizadores. Evangelizar é anunciar a boa notícia da salvação-libertação, proclamada e realizada por Jesus. A evangelização se efetua na comunhão e participação; o agente e o destinatário da evangelização se evangelizam mutuamente.

As práticas de educação familiar (jovens, pais, noivos, casais)

através de encontros, equipes ou quaisquer outras formas, assumem claramente a intenção de serem instrumentos de evangelização. Isto supõe a adoção de uma metodologia com certas características essenciais e exorcizada de certos vícios.

Para a consecução dos objetivos propostos anteriormente, torna-se necessária uma pedagogia articulada com os interesses dos grupos. Essa pedagogia não poderá ser indiferente ao que ocorre no interior das famílias. Estará também empenhada em colocar os mecanismos familiares a serviço das camadas populares, isto é, dos pobres e oprimidos.

Aqui tentaremos adaptar a uma situação diversa o método dos cinco passos apresentados por Dermeval Saviani no seu artigo "Para além da Curvatura da Vara", publicado na Revista da ANDE n167 3, em 1980, Ano I, RJ.

Os métodos de ensino:

- a) serão estimulantes da atividade e iniciativa dos grupos sem abrir mão da iniciativa do agente;

- b) favorecerão o diálogo dos participantes entre si e com o agente, mas sem deixar de valorizar o diálogo com a cultura acumulada historicamente;
- c) levarão em conta os interesses dos grupos, os ritmos de aprendizagem e as características psicológicas de cada indivíduo, mas sem perder de vista a sistematização lógica dos conhecimentos, sua ordenação e gradação para efeitos de transmissão-assimilação dos conteúdos do conhecimento.

Esses métodos implicam numa vinculação contínua entre educação e sociedade, podendo ser sintetizados nos seguintes passos: **O ponto de partida será a prática social** que é comum aos agentes e aos participantes dos grupos ou encontros, sem perder de vista o fato de que agentes e participantes se encontram em níveis diferentes de compreensão da prática social. O agente, no ponto de partida, possui uma compreensão que se denomina de "síntese precária", uma vez que, mesmo implicando uma certa articulação dos conhecimentos e experiências relativos à prática social, o que lhe permite uma antecipação do que lhe será possível fazer com os educandos, por outro

desconhece os níveis de compreensão destes. Por sua vez o nível de compreensão dos grupos é sincrético, porque, por mais conhecimentos e experiências que possuam, sua condição impede, no ponto de partida, a articulação da experiência pedagógica na prática social de que participam.

Isto quer dizer que o agente pelos conhecimentos e experiências que possui, tem da prática social uma visão mais crítica, que lhe permite orientar esta prática no sentido dos objetivos que tem em mente. Para os participantes do processo pedagógico, a diferença consiste em que, embora tenham também uma prática social, essa prática muitas vezes não é encarada de uma forma totalizante; é fragmentada e superficial, guiada por um tipo de visão que poderíamos chamar de acrítica ou ingênua, orientada pelo senso comum. O agente sabe para onde quer conduzir o processo educativo; os grupos vão interferindo no processo posteriormente, mas no ponto de partida eles ainda não têm condição de articular a experiência pedagógica com a sua prática social.

O segundo passo pode ser chamado de problematização. Consiste em

detectar questões que precisam ser resolvidas no âmbito da prática social, e, em consequência, que conhecimentos é preciso dominar.

O terceiro passo será a instrumentalização, que consiste na apropriação dos instrumentos teóricos e práticos necessários à solução dos problemas detectados na prática social. Tais instrumentos são produzidos socialmente e preservados historicamente e a sua apropriação pelos grupos depende da transmissão direta ou indireta do agente. Esse é o momento das explicações das leituras de textos, filmes ou slides, enfim, o momento mais forte da transmissão dos conhecimentos, os quais devem ser amplamente discutidos, debatidos e confrontados com as experiências e o pensamento de cada um, com seus conhecimentos anteriores, enfim, com o seu quadro de referências cognitivo e vivencial.

O quarto passo será a catarse, ou seja, o momento da expressão elaborada da nova forma de entendimento da prática social a que se ascendeu. Trata-se aqui da efetiva incorporação dos

instrumentos culturais, transformados agora em elementos ativos de transformação social. Isto quer dizer que, nesse momento, os grupos já conseguiram chegar a uma compreensão clara dos problemas, suas causas, seus efeitos, e já possuem um saber, fruto da transmissão direta ou indireta da reflexão e do debate, o que lhes permite distinguir com mais segurança os meios de resolvê-los na prática social. Esse momento representa a passagem do objetivo para o subjetivo. A incorporação ou introjeção do conhecimento que passa a ser parte integrante do sujeito.

O quinto passo, ou ponto de chegada, será a própria prática social, compreendida não mais em termos sincréticos pelos grupos participantes. Aqui as pessoas envolvidas no processo pedagógico ascendem ao nível sintético no qual já se encontrava o agente no ponto de partida; ao mesmo tempo a compreensão deste torna-se menos precária e mais orgânica. A especificidade da ação pedagógica consiste na passagem da síncrese à síntese.

A educação é uma atividade que supõe uma heterogeneidade real e uma homogeneidade possível. Aqui, neste ponto, diríamos que serão estimulantes da atividade

e iniciativa dos grupos: os participantes (pessoas, pais, jovens, casais, noivos) estariam em condições de atuar como agentes em novas atividades pedagógicas, onde quisessem se engajar, dentro e fora da família.



Paulo Freire, o grande pedagogo brasileiro, é referência obrigatória na revolução pedagógica da segunda metade do século XX. Precedido por Anísio Teixeira e formando uma legião de seguidores, no Brasil e em muitos países em que trabalhou, Paulo Freire desenvolveu métodos de ensino que deram corpo a uma nova pedagogia como prática libertadora.

Seus livros, "Educação como Prática Libertadora" e "Pedagogia do Oprimido", são até hoje base fundamental para a formação de professores e educadores.

Dinâmicas participativas

Equipe MFC Redação

Uma aplicação prática da metodologia participativa

Aplicável em equipes de base, grupos de estudos ou encontros de jovens, noivos, casais, pais... e em atividades de educação popular.

Particularizando para encontros de famílias, noivos, jovens ou casais.

Centro provável de interesse do grupo: as funções da família e a problemática das relações familiares e sociais.

Uma sugestão de seqüência de passos, a ser adaptada a cada situação. Não deve ser adotada como um manual ou norma rígida.

1. Levantamento dos interesses do grupo.

Partir da prática vivencial dos participantes. A equipe coordenadora consulta-os sobre o que a sua experiência de vida, pessoal, familiar e social, revela como valores, relações humanas e comportamentos, sejam aqueles construtivos ou desvios geradores de problemas. Escolher uma dinâmica apropriada para que todos possam se expressar.

Se o grupo é numeroso, convém dividi-lo em grupos menores, com um membro da equipe atuando como animador. Incentivar todos para que se expressem, mas respeitar as dificuldades que alguns possam sentir para falar nesse momento inicial. Por fim, consulta-os sobre os assuntos que lhes interessaria tratar nesse encontro ou programa de formação.

2. Organização dos assuntos a tratar em unidades temáticas.

Todas as indicações recolhidas dos participantes devem aparecer num quadro ou painel de cartazes, agrupadas aquelas que formam uma mesma unidade temática, isto é: assuntos afins, que podem fundir-se num mesmo tema de trabalho e debate.

Exemplo de possíveis unidades temáticas: I. Todas as indicações de assuntos relativos ao relacionamento dos casais. II. As indicações relativas à sexualidade, procriação, paternidade, maternidade, planejamento familiar; III. O que diz respeito ao relacionamento intra-familiar, relações pais-e-filhos, educação de filhos, desvios de comportamento, IV. Questões sociais, influências externas sobre a família, problemas econômicos, trabalho, violência e outros.

Estas ou outras unidades temáticas podem abrigar todas as indicações de interesse dos participantes. Convém não multiplicar essas unidades temáticas se o tempo disponível é curto. A organização dos temas produz uma interessante movimentação dos participantes, chamados a intervir, opinar sobre essa organização inicial do trabalho.

3. Escolha das prioridades.

Submeter à votação a ordem de importância que o grupo atribui às unidades temáticas construídas com suas indicações. Assim se definirá a ordem de abordagem dos temas que deverão ser tratados sucessivamente, um de cada vez. Braços levantados indicarão as preferências do grupo. O trabalho começará com a unidade temática mais votada, depois se seguirão as demais até esgotar-se o tempo disponível. Se se trata de um encontro de dois dias, certamente será impossível trabalhar todas as unidades temáticas. Se assim for, os participantes devem sentir-se motivados a participar de futuros encontros ou reuniões, para concluir o trabalho iniciado.

3. Problematização.

Toma-se a primeira unidade temática. O objetivo deste passo é o levantamento, a análise, o diagnóstico preliminar e precário de problemas que os participantes identificam e pretendem ver solucionados.

Se são casais ou noivos, pode-se dar um pequeno tempo de reflexão individual e mais alguns minutos de conversa a dois sobre os assuntos dessa unidade, incentivando o diálogo do casal. *Quais os problemas que identificamos nessa temática que vamos tratar?*

Logo se formam grupos para iniciar a discussão. Avaliar se convém nesta etapa separar casais para que estejam em grupos distintos, e se sintam mais à vontade para expor suas idéias. Em cada grupo, um animador preparado para motivar a participação ativa de todos. O animador cuidará de intervir discretamente como provocador, nunca como "professor", ou "aquele que sabe mais".

Esse trabalho de grupo exigirá tempo razoável, para que sejam seguidas as seguintes sucessivas etapas de reflexão e discussão:

I. O grupo é convidado a identificar (e precisa aprender a enunciar com clareza) os problemas que costumam surgir nas situações abrangidas nesta unidade temática. O enunciado tem que deixar claro tratar-se de um problema, de vários problemas identificados pelos participantes. II. Preparado o

"cardápio", o animador pedirá a todos que indiquem as conseqüências de cada problema, para melhor avaliar-se a sua maior ou menor gravidade. Todos são animados a se manifestar e opinar. Discutir, concordar, discordar. III. O novo desafio será identificar as causas dos problemas analisados. Quais as causas imediatas, mais visíveis e perceptíveis? Quais as causas remotas, as causas anteriores, as "causas das causas"? O animador irá provocando essa pesquisa das causas menos percebidas, chamando a atenção para a importância de se atuar sobre as causas dos problemas e não apenas sobre os sintomas, se se quer resolvê-los.

Sugestões aos animadores:

Primeiro momento: tempo (alguns minutos) para uma reflexão individual. Convidar que cada um se pergunte: *"Que problemas estão me incomodando, relacionados com o tema que vamos tratar agora?"*

Segundo momento: tempo (talvez meia hora) para um breve diálogo do casal ou do grupo familiar. *"Temos problemas mal resolvidos? Quais?"* Por enquanto, apenas reconhecer (se existem) e inventariar os possíveis problemas.

Terceiro momento: Formam-se grupos para tratar dos assuntos da primeira unidade temática (de preferência, nesta primeira unidade de trabalho, convém manter ainda separados os casais ou membros da mesmo família). Em cada grupo, um membro da equipe atuará como animador. O objetivo deste trabalho é identificar e enunciar com clareza os problemas existentes ou previsíveis, relacionados com a temática dessa unidade, levantados no diálogo do casal ou do grupo familiar, e captar todo o conhecimento do grupo sobre as questões que surgirem, até se alcançar um bom diagnóstico dos problemas identificados.

O método a ser utilizado pelo animador do grupo, através de perguntas provocativas, poderá ser o seguinte:

- 1) *"Depois desse diálogo inicial que vocês tiveram, quais são os problemas relacionados com os assuntos desta unidade que mais nos incomodam, a nós e a outros casais ou famílias?"* Aprender a enunciar com clareza os problemas.

- (1) *"Quais serão as conseqüências desses problemas sobre nós, nossa família, nossa comunidade?"* Especular sobre as conseqüências permite avaliar-se o tamanho ou importância de cada problema. Provocar a manifestação de todos. Quanto mais conseqüências forem identificadas, melhor será o diagnóstico.

- (2) *"Quais serão as causas desses problemas? As causas estão em nós mesmos, em nossos temperamentos, nossas mentalidades nossas diferenças, ou nas influências externas, no modelo de sociedade?"*

Esta é a pergunta-chave para o diagnóstico e a solução dos problemas analisados. Porque é atuando principalmente sobre as causas que os problemas são de fato resolvidos. Os animadores provocam a capacidade crítica dos participantes, para identificarem as possíveis causas: as mais visíveis e imediatas, mas também as mais remotas e menos visíveis. E as causas anteriores das causas imediatas, ou "causas das causas".

Sugestões: O animador provocará cada membro do grupo a se manifestar, dar opiniões e sustentar seus pontos de vista; destacar as coincidências de opiniões e as divergências; provocar o debate, perguntar, duvidar, pedir mais explicações, dizer que não entendeu muito bem algum ponto de vista.

Provocar, perguntando: *Por que? Como? Isso é mesmo um problema? Não há outras conseqüências mais importantes do que essas? E outras causas por trás dessas? Não estaremos sentindo ingênuos ou superficiais?*

O animador é um participante do grupo, como os demais, embora se tenha preparado para exercer essa função. Por isso, também pode opinar sobre os problemas, com naturalidade, prevenido contra a tentação de dar aulas ou passar a imagem de mestre ou instrutor.

Um relator deverá anotar tudo. Ao terminar, o grupo preparará coletivamente um cartaz para expor, em plenário, o que produziu até este momento. O cartaz indicará, para cada problema, as suas conseqüências e suas causas.

4. Instrumentação.

Realiza-se, em seguida, um plenário muito importante, no qual se oferecerão alguns instrumentos para ajudar os grupos na busca de soluções para os problemas analisados.

Esta é a estrutura básica desse plenário:

- (1) *Socialização da caminhada dos grupos.* Cada grupo apresentará o seu cartaz. O coordenador do plenário fará comentários, pedirá explicações, perguntará se alguém no plenário tem comentários a fazer contradições a apontar ou opiniões a dar sobre o que foi exposto. Dar algum tempo para debates.
- (2) *Dados das ciências humanas:* os coordenadores oferecerão algumas informações que considerem úteis na busca de soluções para os problemas em pauta. Apenas algumas indicações da psicologia, ou da biologia, por exemplo.
- (3) *Desocultamento* de alguns mecanismos sociais, econômicos, comerciais, culturais, políticos ou mesmo religiosos, que não tenham sido ainda identificados pelos grupos, e que podem estar na origem de muitos dos problemas apresentados. Trata-se de colocar os problemas identificados na moldura mais ampla do contexto sócio-político, econômico e cultural em que vivemos. Chama-se a isto dar um tratamento sistêmico ou globalizante à análise dos problemas pessoais ou familiares que não podem ser enfrentados com êxito se não os situamos dentro dessa moldura mais ampla.
- (4) *Iluminação da fé:* textos bíblicos, comentados com clareza, e que ofereçam luzes para a busca das soluções mais humanas para os problemas analisados. Trata-se da busca de integração entre fé e vida. Destacar a relação entre o Sacramento do Matrimônio e a busca de soluções para os problemas analisados

Sugestões para esse plenário:

Essa intervenção dos coordenadores, neste plenário de instrumentação, não deve se transformar em palestras ou longos discursos. São apenas algumas idéias que ajudem o prosseguimento da caminhada dos grupos.

Entretanto, poderá ser válido aproveitar essa oportunidade para **uma reflexão sobre o que é a essência da fé cristã e para uma articulação do tema com o Sacramento do Matrimônio.**

Com efeito, raramente estão bem compreendidas pelos casais e pelos jovens participantes, as realidades centrais da nossa fé e a concepção cristã adulta do casamento-sacramento.

Como iluminação de fé, concentrar-se naquilo que é a essência da fé cristã: o projeto de Deus para o Homem e o mundo, a humanização. O anúncio do Reino de Deus por Jesus, Reino já presente na história humana, na prática da justiça e do amor. Deixar claro que tudo que conduz à humanização é convergente com o projeto de Deus. É que a fé ilumina as mentes na busca de soluções mais humanas para os problemas que desumanizam os homens e mulheres. Relacionar intensamente fé e vida.

Acentuar a articulação entre a vivência do amor humano e o Sacramento do Matrimônio, mostrar que tudo que contribui para o crescimento do amor do casal aumenta a densidade sacramental da sua união. Porque o Sacramento do Matrimônio está no reconhecimento de que o amor humano vivenciado pelo casal é sinal ou símbolo do amor de Deus por nós: amor fiel, gratuito, de serviço, de alguém capaz de dar a vida pelo outro, amor que não domina mas liberta e humaniza.

Assim assumido, com responsabilidade, nessa perspectiva de fé, o amor humano toma o amor de Deus como modelo, e a ele se assemelha. Nisso está o Sacramento. Por isso, o grau de sacramentalidade será proporcional à profundidade com que se amam.

Por isso, também, tudo o que faz crescer o amor, fará crescer a sacramentalidade da união conjugal: o diálogo verdadeiro a expressão sexual do amor, a promoção do outro como pessoa humana, e assim por diante.

Passar essas idéias-força aos participantes constitui-se numa catequese nova e adulta certamente oportuna e eficaz para ajudar a superar visões ingênuas e infantis da nossa fé.

5. Ponto de chegada.

Primeiro momento: Novamente nos mesmos pequenos grupos, os participantes, com a ajuda dos animadores, serão convidados a dar os seguintes passos:

- (1) *Rever o seu trabalho anterior, confrontá-lo com os acontecimentos do plenário de instrumentação;* comentar os dados novos que surgiram e aprofundar o diagnóstico dos problemas já analisados. Certamente surgirá um entendimento novo e mais maduro da realidade, e maior segurança para a busca de soluções para aqueles problemas.
- (2) *Tentar identificar as possíveis soluções para os problemas analisados:* mudanças de hábitos, atitudes e comportamentos pessoais (ou do casal, ou da família), ações a desenvolver, novas práticas na vida a dois, na família e na sociedade; participação em estruturas sociais capazes de transformar a realidade desumanizante; ações que dependem de governos ou outras instâncias sociais e políticas, etc.

Durante essa reunião do grupo, o animador irá fazendo perguntas para motivar a manifestação de cada participante. Por exemplo: *"Esse plenário de que acabamos de participar nos ajudou a ver mais claramente os problemas que analisamos? Como assim? Por que? Que aspectos novos mais nos interessaram? O que os outros grupos trouxeram foi interessante? Por exemplo? Aqueles esclarecimentos oferecidos pelos coordenadores do plenário ajudaram a compreender melhor os problemas? Quais seriam então as soluções mais humanas para os problemas que analisamos? Que mudanças de comportamento, hábitos e atitudes seriam necessárias para que esses problemas sejam resolvidos? Que mudanças na sociedade são necessárias para a solução desses problemas? O que estamos dispostos a fazer? Que compromissos assumimos?"*

O relator preparará um informe escrito ou cartaz para comunicar aos demais as soluções apontadas pelo seu grupo. A equipe escolherá a melhor maneira para fazer-se essa comunicação entre grupos. Poderia ser uma síntese escrita com cópias distribuídas a todos. Ou um sociodrama. Ou os informe dos grupos poderiam ser simplesmente lidos em

alguma celebração ou num breve plenário. É importante que as soluções apontadas sejam socializadas, que circulem entre todos.

Segundo momento: o casal ou o grupo familiar se reúne (dar bastante tempo) para dialogar e comentar o trabalho anterior realizado nos grupos e plenários, e tentar assumir compromissos pessoais e/ou conjugais e/ou familiares, avaliando as soluções apontadas pelos grupos de que participaram.

6. Observações.

(1) O mesmo método será agora aplicado à segunda unidade temática. Os passos serão os mesmos, mas as dinâmicas de grupos e plenários podem e devem variar, segundo a criatividade da equipe, para evitar a monotonia da repetição de atividades. Os grupos podem ser recompostos. Talvez seja interessante que os casais já passem a participar juntos nos novos grupos.

(2) Se o encontro é de famílias, os novos grupos poderiam juntar adultos e jovens (de preferência filhos de outros). O importante é que a seqüência lógica que vai do diagnóstico às soluções e compromissos seja mantida o quanto possível como na unidade anterior.

(3) Algumas unidades temáticas poderiam ser trabalhadas a partir de um sociodrama em que se apresentassem as situações identificadas como problemas, passando-se à identificação das suas conseqüências e causas, e assim por diante.

(4) Diante de raras situações em que se apresentam problemas muito especiais, um profissional pode ser eventualmente convidado a participar do plenário de instrumentação, apenas para elucidar dúvidas e não para fazer palestras técnicas, geralmente desnecessárias.

(5) Desde o início e ao longo do encontro, devem acontecer apresentações dos participantes, celebrações litúrgicas ou paralitúrgicas inovadoras, tocantes, fortes em simbolismos relacionados com a temática tratada. Igualmente momentos de lazer e festa.

(6) Aproveitar bem os tempos para refeições comunitárias, e abrir tempos para convivência descontraída que permita criar laços de amizade entre os participantes.

(7) Não haja preocupação por não haver tempo de abordar todos os temas propostos pelos participantes mais que a quantidade de temas, vale a maneira mais profunda de abordá-los, que prepara os casais ou membros das famílias participantes para o enfrentamento mais seguro e adulto de qualquer problema que surja em suas vidas, aprendendo a analisá-lo como o fizeram agora. A escassez de tempo servirá como motivação de convites para programas futuros oferecidos pelo MFC, para tratar do que não foi possível abordar nesse fim-de-semana. A continuidade ideal seria a integração dos participantes do encontro em grupos, equipes-base ou comunidades familiares do próprio MFC.

Fazer este convite, antes do fim do Encontro.

Leia e assine Rede

- uma análise mensal da conjuntura política, econômica, social e eclesial, nacional e internacional.

Escrevem Alino Lorenzon, Antonio Carlos Ribeiro, Andréa Paes Alberico, Beatriz Lorenzini, Edson Fernando Almeida, Frei Betto, Frei João Xerri, Guilherme Delgado, Helio Amorim, Helio Saboya, Jether Ramalho, João Whitaker Ferreira, Leonardo Boff, Lília Azevedo, Marcelo Barros, Marco Antonio, Marieta Sampaio, Moema Miranda, Plínio Arruda Sampaio, Rubem Alves, Selma Amorim, Thomaz Ferreira Jensen, Victor Valla, Virgílio Uchoa,

Basta telefonar para a Rede de Cristãos e receber instruções sobre a forma mais cômoda de pagamento. Tel (0**24) 2242-6433



O poderoso fez grandes coisas

Pedro Lima Vasconcellos e Rafael Rodrigues da Silva*

No evangelho da comunidade de Lucas encontramos também uma narração a respeito das origens de Jesus (Lc 1-2). Como no caso do evangelho da comunidade de Mateus, também aqui a finalidade do texto não é biográfica, mas fundamentalmente é a de mostrar a relevância de Jesus para a comunidade que o segue diante dos desafios que a ela se colocam.

É interessante que no caso da comunidade de Lucas as origens de Jesus sejam apresentadas em paralelo com as de João, aquele que depois haveria de batizá-lo. Para ambas as crianças o nascimento é anunciado e depois narrado, vindo depois a circuncisão, diante de ambos um cântico é pronunciado.

Mas não é difícil notar como, neste paralelismo, o acento maior recai sobre a figura de Jesus. Nos detalhes isso se percebe: o pai de

João é "punido" pelo anjo ao mencionar dúvidas sobre como o menino poderia nascer, enquanto a mãe de Jesus tem suas dúvidas sanadas; no caso de João, é mais a circuncisão que o nascimento que merece destaque, enquanto no caso de Jesus se dá o contrário; enfim, Zacarias diante de seu filho recém-nascido proclama um hino que se esmera em afirmar a significação fundamental da pessoa de Jesus, enquanto a João cabe uma função secundária, embora importante.

Com certeza a comunidade de Lucas, ao mostrar, por este paralelismo, a relevância de Jesus e de sua ação salvífica sobre a figura de João, está inserida num ambiente em que se debate a a prioridade de Jesus ou de João. Isso o evangelho deixa claro por outras passagens (por exemplo, Lc 3,15); parece supor um ambiente como o descrito em At 19,1-7.

Mas outro aspecto deve ser destacado ao considerarmos as narrações sobre as origens de Jesus segundo a comunidade de Lucas. Num certo momento as trajetórias de João e de Jesus se encontram, rompendo o paralelismo acima mencionado. É quando as futuras mães, com as crianças no ventre, se encontram (Lc 1,39-56).

E o cântico da mãe Maria (Lc 1,46-55) acaba sendo o texto síntese de toda esta narração. Nele se proclama, de maneira sumária, o agir surpreendente e poderoso de Deus em favor de Israel, particularmente dos fracos, famintos e humilhados, onde a própria mãe de Jesus se inclui. De alguma forma o conteúdo do cântico, inspirado no da mãe Ana (1 Sm 2,1-10), ao falar da ação libertadora de Deus no passado do povo, aponta para o que será o norte a orientar a missão de Jesus segundo este evangelho: a

- ❖ *Como será o seguimento de Jesus em nossos dias? Como anunciar a boa notícia aos pobres e excluídos?*
- ❖ *Bastaria anunciar? O anúncio é suficiente para mudar a sua situação de pobreza e exclusão?*
- ❖ *O que depende dos governos?*
- ❖ *O que depende de cada cidadão? especialmente dos cristãos, no seguimento de Jesus?*

proclamação de uma boa notícia aos pobres (Lc 4,16-21).

As origens de Jesus segundo a comunidade de Lucas não fazem pensar apenas no seu nascimento. Convocam a reconhecer a significação de um nascimento em circunstâncias no mínimo estranhas: de uma mãe ainda noiva, virgem, num estábulo, em meio a impuros pastores.

Nada disso é acidental no mistério do Natal segundo aquela comunidade que levou a sério o seguimento de um Jesus solidário das vítimas da exclusão daqueles tempos.

*Pedro Lima Vasconcellos
Doutor em Ciências Sociais, assessor do
CEBI-SP, professor da PUC-SP e
do Instituto do Sagrado Coração.
abelha@cidadanet.org.br*

*Rafael Rodrigues da Silva
Mestre em Ciências da Religião, assessor
do CEBI-SP, professor da PUC-SP,
Instituto Teológico Pio XI, Instituto do
Sagrado Coração e ITESP.
rafaeli@cidadanet.org.br*

Avisos paroquiais.

No fim da missa, os avisos habituais. Às vezes não são muito claros...

"As senhoras do Apostolado, não se esqueçam do bazar beneficente do sábado. É uma boa ocasião para se livrarem daquelas coisas inúteis que só atrapalham. Tragam seus maridos."

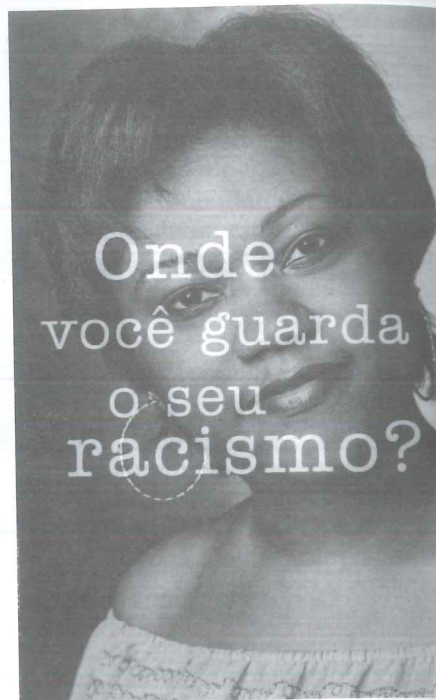
racismo

A seguinte cena aconteceu em um voo da British Airways entre Johannesburgo (África do Sul) e Londres.

Uma mulher branca, de aproximadamente 50 anos, chegou ao seu lugar na classe econômica e viu que estava ao lado de um passageiro negro. Visivelmente perturbada, chamou a comissária de bordo. "Qual o problema, senhora"?, perguntou a comissária. "Não está vendo? - respondeu a senhora - vocês me colocaram ao lado de um negro. Não posso ficar aqui. Você precisa me dar outro assento".

"Por favor, acalme-se - disse a aeromoça - infelizmente, todos os lugares estão ocupados. Porém, vou ver se ainda temos algum disponível".

A comissária se afasta e volta alguns minutos depois. "Senhora, como eu disse, não há nenhum outro lugar livre na classe econômica. Falei com o comandante e ele confirmou que temos apenas um lugar na primeira classe".



E antes que a mulher fizesse algum comentário, a comissária continua:

"Não é comum a nossa companhia permitir a um passageiro da classe econômica se sentar na primeira classe. Porém, tendo em vista as circunstâncias, o comandante pensa que seria indelicado obrigar um

passageiro a viajar ao lado de uma pessoa desagradável".

E, dirigindo-se ao senhor negro: "Portanto, senhor, caso queira, por favor, pegue a sua bagagem de mão, pois lhe reservamos um lugar na primeira classe..."

Todos os passageiros próximos, que assistiam à cena, começaram a aplaudir.



Colaboração de Sérgio Lopes de Souza

Minha esposa e eu viajavamos num cruzeiro pelo Mediterrâneo a bordo de um transatlântico da empresa Princess. Durante o jantar notamos uma senhora idosa sentada perto da varanda do restaurante principal. Notei também que todo o pessoal, a tripulação do barco, garçons, ajudantes dos garçons, etc., estavam muito familiarizados com ela.

Perguntei ao garçom que nos atendia quem era aquela dama, e esperava que respondesse ser ela a dona da companhia de cruzeiros, mas respondeu que não. Ela apenas estava a bordo nas últimas 4 viagens, ida e volta. Uma tarde quando estávamos saindo do restaurante cruzamos com ela e aproveitei para cumprimentá-la. Conversamos um pouco e passado um tempo lhe disse:

"Pelo que nos disseram a senhora têm estado neste barco nas últimas 4 viagens". Ela me respondeu: "Sim, é verdade".

Disse a ela que não entendia a razão e ela me respondeu:

"É que sai mais barato que um asilo para velhos nos Estados Unidos. Não ficarei num asilo nunca e de agora em diante fico viajando nestes cruzeiros até a morte. O custo médio para se cuidar de um velho nestes asilos é de 200 dólares por dia. Verifiquei com o departamento de reservas da linha Princess que posso obter um desconto quando compro os cruzeiros com bastante antecipação mais o desconto para pessoas de mais idade, chegando a 135 dólares por dia. A viagem me sai 65 dólares diários mais barata. E mais:

- 1) Pago só 10 dólares diários de gorjetas.
- 2) Tenho mais de 10 refeições diárias se quero ir aos restaurantes, ou posso ter o serviço na minha cabine, o que significa dizer que posso ter o café da manhã na cama, todos os dias da semana.

3) O barco tem 3 piscinas, um salão de ginástica, lavadoras e secadoras de roupa grátis, biblioteca, bar, internet, cafés, cinema, show todas as noites e uma paisagem diferente cada dia.

4) Creme dental, secador de cabelo, sabonetes e xampu grátis.

5) Te tratam como cliente e não como paciente. Com uma gorgeta extra de 5 dólares, terás todo o pessoal de serviço trabalhando para te ajudar.

6) Conheço pessoas novas a cada 7 ou 14 dias.

7) A TV estragou? Necessitas trocar a lâmpada? Queres que troquem o colchão? Não tem problema. Eles consertam tudo e te pedem desculpas pelos inconvenientes. Lavam a roupa de cama e as toalhas todos os dias, e não tens que pedir.

9) Se tu caís num asilo de velhos e quebras a bacia, tua única saída é o plano médico. Se caíres e te machucares em algum barco da empresa Princess, vão te acomodar em uma suíte de luxo pelo resto da tua vida.

Agora vou te contar o melhor que oferecem as empresas Princess. Queres viajar pela América do Sul, Canal do Panamá, Tahiti, Caribe, Austrália, Mediterrâneo, Nova Zelândia, pelos fjords, pelo rio Nilo, Rio de Janeiro, Ásia? Diz aonde queres ir. A Cia. Princess está pronta para te levar. Por isto meu caro, não me procures em um asilo para velhos. Viver entre 4 paredes... e um jardim... como paciente de hospital... No, thanks!!!

Hã... ia esquecendo, se tu morres, te atiram ao mar sem nenhum custo adicional."

A lesma paralítica.

Finalmente condenaram o ex-senador e mais dois empresários da construção que roubaram duas centenas de milhões nas obras superfaturadas do TRT de São Paulo. O cúmplice mais velho foi o único preso há alguns anos, por ostentar escandalosamente a sua riqueza em apartamento de luxo e carrões aerodinâmicos em Miami. O juiz *lalau*, pela idade avançada, está em prisão domiciliar, depois de algum tempo de cadeia de verdade. O ex-senador e empresário de Brasília e sua equipe golpista foram julgados no último dia anterior ao da prescrição dos seus crimes, com o que saíam ilesos. Ao se darem conta desse risco, juiz e advogados correram e a sentença saiu na véspera, no olho mecânico, depois de tantos anos de lento processo. Condenados a muitos anos de prisão, foram levados algemados para a prisão, mas logo libertados para recorrer em liberdade contra a sentença. Ganharão mais alguns anos de gostosa liberdade. O ex-parlamentar é muito rico. Advogados bem remunerados sabem manejar os inúmeros instrumentos protelatórios e explorar os furos da lei, confiantes ainda na lentidão da justiça, uma espécie de lesma paralítica. Pela regra, os novos condenados jamais conhecerão as grades de uma cela desconfortável. Desconforto reservado aos pobres.



MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO

EDITORIA & PUBLICAÇÕES

Assinaturas e Expedição de Fato e Razão - Atendimento aos assinantes, assinaturas novas e renovações, números anteriores

Distribuidora Fato e Razão

Pedro e Celina Garcia - Coordenadores

Rua São João, 25 Sobre-Loja - CEP 24020-040 Niterói - RJ

Tel/Fax: (21) 2629-7163 - E-mail: fatorazao@primyl.com.br

Venda de Livros, Revistas e Temários do MFC, pedidos e encomendas para remessa postal

Livraria do MFC

Rua Barão de Santa Helena, 68 Granbery

CEP 36010-520 Juiz de Fora - MG

Tel.: (32) 3214-2952 - E-mail: livraria.mfc@acessa.com

Publicações disponíveis na Livraria MFC

Temários de Reuniões

Ponto de Partida
Um passo adiante
Pés na Terra

Fato e Razão

Números anteriores

Livros

Amor e Casamento
O Assunto é Casamento
Descomplicando a Fé
Eis o MFC
Cuidado Frágil

Colaborações e cartas de leitores

Equipe de Redação de Fato e Razão

R. Des. Saul Gusmão 80 - VIII - CEP 22641-280 Rio de Janeiro - RJ

E-mail: amorim@ibpinet.com.br